

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES - FICS

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



EUNICE DE JESUS CONCEIÇÃO

**LEITURA: UMA VIAGEM ENCANTADA NO MUNDO
MULTIDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO**

Asunción - Paraguay

2015

EUNICE DE JESUS CONCEIÇÃO

**LEITURA: UMA VIAGEM ENCANTADA NO MUNDO
MULTIDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Carlino Ivan Morinigo

**Asunción - Paraguay
2015**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

**LEITURA: UMA VIAGEM ENCANTADA NO MUNDO
MULTIDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO**

EUNICE DE JESUS CONCEIÇÃO

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Dr. Carlino Ivan Morinigo

ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Antar Morel

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Prof. Dr. Carlino Ivan Morinigo

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Prof. Dr. Ismael Fenner

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Asunción - Paraguay
2015

Dedico aos meus alunos, para que possam desenvolver o prazer pela leitura aprimorando o seu intelecto.

AGRADECIMENTOS

O agradecimento é um ato de reconhecimento, por isso tenho o maior prazer de ser grata a todas as pessoas que contribuíram pela realização deste trabalho. Sou imensamente grata pela ajuda que recebi durante a produção, pois acredito que sem elas, com certeza, teria sido muito mais difícil para mim. Agradeço porque acredito que essas palavras ficarão guardadas no coração e na memória de cada um, como forma de respeito e admiração.

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e pelas oportunidades que com todo carinho, proteção e cuidado guiou meus passos permitindo que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais que com todo carinho e sacrifício trabalharam duramente em serviços pesados para que não faltasse o alimento e para que eu pudesse ir à escola pelo menos alimentada. Principalmente a minha mãe que permitiu que eu viesse ao mundo mesmo depois do oitavo filho, sabendo que pela decisão de se ter um filho a vida poderia mudar radicalmente.

A Renato Figueiredo, meu orientador, com quem aprendo muito. Sua coragem, acolhida e sinceridade me servem de inspiração para continuar com mais segurança e alegria. Obrigado por compartilhar saberes, afeto, preocupação, amizade! Agradeço pela sua doação e dedicação nos momentos das orientações. Às vezes, sinto-me apreensiva, pois tudo que é novo nos tira da zona de conforto e nos leva a crescer, pois vamos procurar respostas para muitas perguntas e nessa procura surge o conhecimento. Acredito que é isto que está acontecendo comigo. Este trabalho é fruto dessa parceria que deu muito certo.

Aos meus professores que contribuíram para a minha formação estudantil, às vezes me empurrando para a beira do abismo e muitas vezes erguendo suas mãos para que eu pudesse me afastar mais dele.

Ao meu esposo Fábio, pelo companheirismo, cumplicidade e compreensão em todos os momentos principalmente naqueles que dividimos para cuidar do nosso filho.

Ao meu filho Arthur, pois nesse momento tinha cinco dias de vida e pelo fato de ser quietinho e dorminhoco foi que consegui fazer minhas leituras e produções.

A amiga Sueli por ter me emprestado livros e por passar muitas informações da orientação nos momentos que estava sem internet.

Aos meus alunos por terem me ensinado tanto, pois minha sala de aula sempre foi meu laboratório, onde ali ensinava, aprendia e refletia sobre o que era preciso pesquisar, aplicar e observar.

Agradeço a minha irmã Neuza por ter me orientado para a vida desde cedo, ainda que de forma inconsciente. Acredito que o meu crescimento foi e é fruto dos seus ensinamentos.

A minha maninha e companheira de estudo Edinólia, pelos papos e conversas sobre alguns pensadores durante os encontros de estudos.

A todos que de alguma forma, contribuíram para a escrita e finalização deste texto.

Quem não sabe pensar, mal fala, nada escreve e pouco lê. (YUNES, 2002, p. 16).

RESUMO

Este trabalho possibilitará aos leitores através da reflexão, uma melhor compreensão sobre a importância da leitura na vida do ser humano e da comunidade leitora. Ele vem mostrar alguns problemas levantados com alunos do Colégio Estadual Valmir de Oliveira Gomes na cidade de Jitaúna, como a falta de interesse pela leitura, a falta de incentivo da família em alguns casos e a inquietação dos mesmos quanto a essa atividade. A meta principal deste estudo é identificar como o processo de leitura é visto por esses alunos. E para desenvolver o estudo levantou-se a seguinte questão: A leitura para esses alunos é vista de forma obrigatória ou informativa? Na verdade fazer-se leitor é muito difícil, porém, não impossível. Essa prática é conquistada ao longo de nossa caminhada educacional, basta ser trabalhada com satisfação, amor e tudo será solucionado. O ato de ler sempre, proporciona ao leitor uma enorme sensação de liberdade, de autoconhecimento, de desenvolvimento intelectual, instruindo-o cada vez mais para poder competir com o mercado de trabalho. Sendo este a base para entender que a leitura é um caminho que possibilita a cidadania, a reflexividade e uma atitude consciente diante da vida. O trabalho faz também referência aos gêneros textuais, à prática da subjetividade que envolve a leitura prazerosa e à importância do professor na formação do aluno-leitor. Por fim, apresenta os resultados da pesquisa realizada que fornece subsídios para o enriquecimento e o desenvolvimento da instrumentação da leitura reflexiva como prática diária em nossas instituições escolares. Portanto, é na leitura que o homem abre os horizontes, mergulha nas profundezas do conhecimento complexo tornando-se um eterno apaixonado por esse mundo fantástico da leitura, onde ele acaba conhecendo aos outros e conhecendo-se.

Palavras chave: Conhecimento Complexo. Desenvolvimento Intelectual. Informação. Leitura Prazerosa. Obrigação.

RESUMEN

Este trabajo permitirá a los lectores, a través de la reflexión, una mejor comprensión de la importancia de la lectura en la vida del ser humano y de la comunidad lectora. Se trata de mostrar algunos problemas planteados con los estudiantes del Colegio Valmir de Oliveira Gomes, en la ciudad de Jitaúna, como la falta de interés por la lectura, la falta de interés de la familia en algunos casos y la inquietud de los mismos que cuanto a esa actividad. El objetivo principal de este estudio es identificar como el proceso de lectura es visto por estos estudiantes. Y para desarrollar el estudio se levantó la siguiente pregunta: La lectura para estos alumnos es vista de forma obligatoria o informativa? En realidad constituirse lector es muy difícil, pero no imposible. Esta práctica se logra a través de nuestra caminata educativa, bastando ser trabajada con satisfacción, amor y todo se quedará resuelto. El acto de leer siempre, ofrece al lector una tremenda sensación de libertad, autoconocimiento, desarrollo intelectual, dándole instrucciones cada vez más para competir con el mercado laboral. Siendo este la base para entender que la lectura es un camino que permite a la ciudadanía, la reflexividad y una actitud consciente delante de la vida. El trabajo también se refiere a los géneros, la práctica de la subjetividad que implica la lectura placentera y la importancia del profesor en la formación del alumno-lector. Finalmente, se presentan los resultados de la investigación realizada que llevaron a cabo la concesión de subsidios para el enriquecimiento y desarrollo de instrumentación de la lectura reflexiva como una práctica diaria en nuestras escuelas. Por lo tanto, es en la lectura que el hombre abre sus horizontes, se sumerge en las profundidades del conocimiento complejo convirtiéndose en un eterno apasionado por ese fantástico mundo de la lectura, donde él termina por conocer los otros e conocerse.

Palabras clave: Conocimiento Complejo. Desarrollo Intelectual. Información. Lectura Placentera. Satisfacción.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 –Convite.....	37
IMAGEM 2 -Tirinhas do Garfield.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Leitura como fonte de Informação ou Obrigação?.....	67
GRÁFICO 2 - O que você mais gosta de ler?.....	67
GRÁFICO 3 - Quando você começou a ter o hábito de leitura?.....	70
GRÁFICO 4 - Como você se sente lendo?.....	71
GRÁFICO 5 - Seus pais lhes orientam quanto a leitura? Como?.....	73
GRÁFICO 6 - Qual era a reação do seu professor primário, quando você fazia uma leitura?.....	74
GRÁFICO 7- Qual era a sua reação quando gaguejava fazendo uma leitura?.....	75
GRÁFICO 8 – Um livro que lhe chamou mais atenção.....	77

LISTA DE SIGLAS

CEVOG – Colégio Estadual Valmir Oliveira Gomes
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FTC – Faculdade de Tecnologias e Ciências
GESTAR – Gestão de Aprendizagem Escolar
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
MEC – Ministério de Educação e Cultura
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
OBMEP – Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
PCNs – Parâmetro Curriculares Nacionais
PROVE – Produções Visuais Estudantis
PST – Prestação de Serviço Temporário
REDA – Regime Especial de Direito Administrativo
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	16
1 REMINISCÊNCIA DA MINHA VIDA PROFISSIONAL	16
CAPÍTULO II	22
2 OS DESAFIOS NA PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA, PAUTADA NOS ESTUDOS TEÓRICOS	22
2.1 O Letramento Multimodal nos Anos Iniciais	24
2.1.1 Experiências diversas com gêneros textuais.....	24
2.1.2 Instrumentos de apoio para dinamizar as aulas.....	42
2.2 Leitura Diversificada: Um Doce Prazer	48
2.3 A Informação da Leitura: Necessidade Básica ou Obrigação?	53
2.4 Leitura como Instrumento Necessário para a Realização de Novas Aprendizagens	56
2.5 A Relação Leitura-Escrita para um Bom Desempenho Escolar	58
CAPÍTULO III	63
3 ESTUDO DE CASOS: LEITURA NO COLÉGIO ESTADUAL VALMIR OLIVEIRA GOMES	63
3.1 Sujeitos da Pesquisa	63
3.2 Técnica de Coleta de Dados	63
3.3 Análise e Discussão dos Dados	65
4 MINHAS CONSIDERAÇÕES	78
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A	84
APÊNDICE B	85
APÊNDICE C	86

INTRODUÇÃO

Este trabalho facilitará o entendimento a todo aquele que tiver acesso à leitura, pois essa pesquisa abrirá novas oportunidades para conduzir uma atividade desafiadora que é o processo de ensino aprendizagem da leitura tanto na vida do aluno quanto na vida do professor.

O interesse pelo tema “Leitura: uma viagem encantada no mundo multidisciplinar da educação” surgiu na observação que venho fazendo ao longo da minha carreira, através da qual tenho percebido que a maioria dos alunos não tem consciência da importância da leitura e interpretação de textos no seu processo de aprendizagem, o que na maioria das vezes, eles leem por obrigação simplesmente pela necessidade de se cumprir o que é imposto pela escola.

Esse desinteresse e descaso que o aluno expressa pela leitura vem ocasionando grandes empecilhos no seu desenvolvimento intelectual, o qual poderia ser realizado de forma prazerosa para o enriquecimento dos seus conhecimentos.

O tema surgiu pelas minhas inquietações e questionamentos feitos em relação ao comportamento dos alunos com a leitura em sala de aula: será por conta do ambiente que vivem? Será falta de incentivo dos pais, responsáveis e professores? Será a falta de conscientização da importância da leitura? O que tem gerado esse desinteresse pelo ato de ler?

E foi a partir dessas indagações que me propus a pesquisar sobre as dificuldades e necessidades da leitura na vida do educando.

A meta principal deste estudo é identificar como é visto o processo de leitura pelos alunos. E para desenvolver o estudo levantei uma questão: a leitura para os alunos é vista de forma obrigatória ou informativa? Na minha hipótese, os alunos não são incentivados a serem bons leitores, provavelmente por apresentarem essa defasagem tanto na produção, quanto na oralidade.

O grande desafio para esse trabalho é que os alunos criem gosto, prazer e desperte o hábito pela leitura progredindo intelectualmente, desenvolvendo também a criticidade, não de forma punitiva nem obrigatória, mas com liberdade e responsabilidade.

Assim, a presente pesquisa poderá contribuir para novas discussões entre docentes sobre a importância da leitura e interpretação de textos no cotidiano escolar.

Com relação ao meu primeiro contato com as letras e a leitura, início minha história contando que sou natural de Jequié, porém, me criei em Jitaúna, onde resido até o momento. Toda a minha vida estudei nesta cidade, concluí o ensino fundamental e o magistério.

Levando-se em conta o que foi observado, é imprescindível que todos se conscientizem de que o interesse pela leitura e produção textual está relacionado à educação, uma vez que a atividade de ler influencia diretamente a escrita. Portanto, a leitura é a interpretação, uma ideia manifestada em sinais gráficos, sendo assim, peças fundamentais para o aprendizado do educando.

A seguir, explico com esta estruturada a pesquisa, enumerando capítulo a capítulo o desenvolvimento desse trabalho:

O primeiro capítulo apresento as **Reminiscências da minha vida profissional**, fazendo memória de todas as etapas da minha vida profissional, aventuras e desafios vividos.

No segundo capítulo apresento **Os Desafios na Prática da Leitura e Escrita em Sala de Aula, Pautada nos Estudos Teóricos**, falando das formas de letramento e como envolver o aluno no processo de leitura e escrita, fazendo com que o trabalho flua de forma não punitiva, mas de forma prazerosa, ainda menciono os diversos gêneros textuais e experiências vividas em sala de aula, fazendo comparativo da atitude do professor que está inserido em um contexto que possibilita reflexão sobre a sua prática, compreendendo e trabalhando a leitura na escola.

O terceiro capítulo traz o corpo substancial da pesquisa de campo, **Estudo de Casos: Leitura no Colégio Estadual Valmir Oliveira Gomes**. Nesse momento, tento solucionar os problemas levantados, recorrendo a investigação empírica apresentada mediante resultados comprobatórios através da busca de materiais e métodos utilizados no decorrer do processo de construção dessa dissertação.

Concluindo, finalizo com as **Minhas Considerações**, revendo todo o processo que facilitou o estudo e busca de resultados para que este trabalho estivesse a contento dentro dos objetivos propostos para o aprimoramento da leitura em sala de aula.

CAPÍTULO I

1 REMINISCÊNCIA DA MINHA VIDA PROFISSIONAL

O memorial aqui exposto é uma oportunidade única de resgatar o tempo e rever toda a minha memória profissional fazendo uma comparação da educação de alguns anos atrás com a de hoje.

Minha vida profissional começou quando prestei o concurso do Estado e do Município me tornando professora, lecionando desde 1988 até a presente data. Nessa caminhada procurei dedicar à minha profissão com muito amor e responsabilidade, pautada na disponibilidade, compreensão e respeito, pois estava me relacionando com indivíduos simples, sendo que, a grande maioria dos alunos eram da zona rural e da periferia do município, onde não se tinha uma família estruturada e na maioria dessas famílias a violência, a fome, a escassez da moradia e a miséria era uma constante.

Neste sentido concordo plenamente como o pensamento de Freire (1996), sobre ser educador quando ele diz que:

Não temo dizer que inexistem validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz [...]. Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 24).

Freire nos ensina, que há um conjunto de posturas e ações para a prática de ensinar-aprender. O processo educativo está nas mãos do professor, que, com sua experiência de ensinar e aprender leva o aluno a pensar e repensar a sua conduta, favorecendo uma aprendizagem de qualidade de forma eficaz, descente e serena.

Com o tempo, senti a necessidade de aprender mais para facilitar o meu conhecimento e fazer o melhor pelos meus alunos. Assim surgiu a oportunidade de mudar de nível, aproveitando o incentivo do governo, os profissionais de educação, em exercício, que não tinham licenciatura, foram convocados a participar de uma seleção para que viessem

a ter uma graduação. E em 2003, fui aprovada no curso de Letras Vernáculas pela Universidade de Estado da Bahia (UNEB) campus XXI, na cidade de Ipiaú.

Desde o início do curso, percebi como era importante a formação acadêmica e as trocas de experiências que estava vivenciando, pois a minha turma era formada por alunos-professores de sete municípios, todos docentes atuantes, então me certifiquei como era rica a experiência de estar naquela sala de aula e poder levar tudo aquilo para o contexto vivo que estava inserida, a escola.

Quero confessar que a oportunidade foi valiosa, porém não era o curso que pretendia, sempre gostei e já lecionava na área de humanas, a disciplina de Geografia. No momento que surgiu o edital, procurei na região mais perto o curso de Geografia e não havia. Tive que enfrentar o curso de Letras, mesmo não satisfeita com o curso, no entanto, com o tempo, os colegas, os professores fizeram com que mudasse de opinião.

A princípio, como tudo que é novo incomoda, me senti um tanto quanto inquieta até que as coisas entraram num ritmo prazeroso, apesar das dificuldades a serem enfrentadas e vencidas, pois era educadora e educanda ao mesmo tempo.

Os desafios eram lançados no dia-a-dia e esses eram vivenciados em cada tentativa. Os conhecimentos e experiências que vivia na universidade poderiam ser aplicados em sala de aula. Isso era muito produtivo, visto que os meus alunos percebiam as mudanças no que tange a prática pedagógica, de um modo geral era alargada pela participação em seminários, congressos, oficinas, entre outros.

Muitas são as lembranças que ficaram e floresceram até hoje na minha prática de ensino, pois muitos dos trabalhos apresentados tenho inserido nas minhas aulas para que o aluno aprenda e se apaixone pela leitura, como enfatiza Rubens Alves “ler é fazer amor com as palavras”, e nesse momento faço uma reflexão: como seria bom que os meus alunos aprendessem fazer amor com as palavras.

Dando continuidade na vida acadêmica, resolvi no quinto semestre, junto com cinco colegas fazer o curso de Pós-Graduação, na FTC – Faculdade de Tecnologias e Ciências, em Jequié, para ampliar os meus conhecimentos. Matriculei-me no curso de Metodologia do Ensino Superior, sendo mais um desafio na minha vida, pois, além do curso de graduação, lecionava nos turnos matutino e noturno, cuidava da família, dos pais idosos, dos trabalhos de igreja, e dos problemas do cotidiano, mas apesar de toda essa carga de trabalho, venci.

Sempre relato aos meus alunos essas experiências, isto é, a disposição de enfrentar novas experiências, de estar estudando sempre, procurando novos desafios.

A leitura é imprescindível na vida do ser humano, pois, é impossível negar que todos aqueles que dominam a competência leitora possuem mais capacidade para aprender, participar ativamente da vida social, desenvolver os valores e princípios que possibilitam tornar cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

São poucos os alunos que tiveram apoio na família e orientação para leituras e acompanhamento dos filhos em atividade extraclasse. Essa defasagem advém das famílias que não tiveram acesso à escola, talvez, por isso tenham dificuldades de incentivar os filhos à prática da leitura. A maioria acredita que a escola é que deve ter essa responsabilidade.

Os alunos de escola pública na maioria enfrentam as mazelas da sociedade, pois são de família de baixa renda, que diversas vezes passam dificuldades financeiras, tem problemas de moradia e de alimentação, entre outros. Não tem uma expectativa de vida na qual possam ousar mais, buscando um objetivo para melhorar a qualidade de vida.

É relevante lembrar como experiência própria, as diversas dificuldades pela qual passam os alunos, pois a maioria são da zona rural, tendo dificuldade de chegar à escola, principalmente no tempo chuvoso, pois muitos carros não chegam as suas localidades por conta das estradas, vale ressaltar também que ainda existem localidades rurais sem energia.

Os alunos da zona rural, depois de enfrentarem percursos longos entre a casa e a escola e de terem no dia seguinte de trabalhar, muitas vezes não conseguem reservar um pequeno tempo diário para realizar uma pesquisa ou fazer uma atividade de reforço. Muitas vezes as condições no campo são precárias, onde falta energia e material escolar. Essa realidade adversa muitas vezes provoca a evasão escolar.

No entanto, não são apenas os alunos da zona rural que tem problemas, os que moram na cidade também, muitas vezes são apáticos, acredito que seja por falta de incentivo e orientação dos pais, entre outros problemas diversos.

O Colégio Estadual Valmir Oliveira Gomes (CEVOG), onde leciono, localiza-se à rua da Independência, s/n, no centro de Jitaúna, próximo a várias escolas da comunidade. Os alunos que frequentam o colégio é bastante eclético quanto a realidade social e econômica, temos todos os tipos de alunos, filhos de pessoas com

graus de instrução elevado, com graduação, bem como filhos de pessoas analfabetas e semianalfabetas.

O aspecto negativo da escola é que a procura por vaga vem crescendo muito, e como ela é de porte médio, para crescer é preciso subir andares com mais salas de aula, laboratórios, etc., mas até então, o Colégio não dispõe de verbas para a construção.

Com relação aos projetos as festividades, comemorações, o colégio participa de todos os eventos propostos pela instituição mantenedora, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia. O Colégio procura fazer seus eventos com muita dedicação, “explorando” o potencial dos alunos ao máximo para abrilhantar nas atividades.

Tendo essa postura, é sabido que aumenta ainda mais as expectativas dos pais e responsáveis quanto a preparação e aprendizagem dos alunos em relação a suas habilidades para participarem de vestibulares e concursos públicos, e porque não dizer para a vida.

O CEVOG, uma entidade mantida pelo Estado, tem na sua estrutura administrativa, os professores, diretor e vice-diretores são efetivos, tendo somente um professor contratado pelo REDA (Regime Especial de Direito Administrativo). Os outros funcionários: vigilantes, porteiros, serventes, merendeiras, mecanógrafos, auxiliar de secretaria e secretária são contratados por empresas terceirizadas (PST- Prestação de Serviço Temporário).

O prédio foi construído em 1970, com o intuito de ser uma Delegacia Escolar, funcionando o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), depois de alguns anos, passou a funcionar o primário, hoje Ensino Fundamental I, e em 1998, a escola ampliou e hoje funciona como Colégio.

Para um bom funcionamento a instituição aderiu a eleição para gestores. O diretor se dedica mais com as funções administrativas e utilização dos recursos e os vices atuam na parte pedagógica, tendo um vice, como coordenador do Pacto do Ensino Médio. Não tendo coordenador pedagógico efetivo até o momento. O diretor é graduado em geografia, e os vices, um é em Biologia e outro em Letras. Todos os docentes são graduados, pós-graduados e alguns mestrandos.

O CEVOG consta com sete salas de aula climatizadas, carteiras novas de alunos e professor, uma biblioteca, um refeitório, merendeira, sala de direção e secretaria, sala dos professores, um almoxarifado, um depósito, banheiro masculino

com acessibilidade, banheiro feminino, banheiro dos professores, uma área para apresentações e um pátio.

O Colégio fornece uma alimentação escolar de qualidade e em 2014 recebeu o Prêmio Gestão Escolar - Selo Ouro da Secretaria do Estado; tendo um refeitório equipado. Considerado um colégio de médio porte com uma matrícula de 543 alunos, funciona nos três turnos: sendo o matutino com a 8ª série do Ensino Fundamental II, o 1º, 2º e 3º Ano do Ensino médio, no turno vespertino funciona o ensino Fundamental II e no noturno o Ensino Médio.

Apresenta um quadro de docentes muito qualificado e responsável; participa de todos Projetos Estruturante do Estado; criou a Semana de Arte e Ciências, que é muito apreciada tanto pelos os alunos como pela comunidade; além de tantos outros pequenos projetos e avaliações como OBMEP (Olimpíadas Brasileiras de Matemática da Escola Pública), Olimpíadas de Língua Portuguesa, Avalie, Prove (Produções Visuais Estudantis), Gestar (Gestão da Aprendizagem Escolar), Ciências na Escola, Olimpíadas Baiana de Química, Atleta na Escola, Mais Educação, Olimpíadas Brasileira de Biologia, Olimpíadas Brasileira de Astronomia e ainda quero ressaltar sobre a merenda escolar, que tem como um dos fornecedores, alimentos do Programa Agricultura Familiar.

A direção é bastante participativa e apoia todas as iniciativas dos professores e dos alunos, sempre realizando reuniões, procurando solucionar da melhor forma possível os problemas de ordem administrativa, pedagógica e particular, tanto com os funcionários como com os pais/responsáveis dos alunos na escola.

Hoje em dia, por mais que se diga que o aluno utiliza muito a internet, whatsApp, eu digo, que ainda assim, não é o suficiente ou não condiz com as leituras propostas pela pedagogia de aprendizagem, visto que o educando lê de forma aleatória e com a linguagem totalmente desconexa do que a gramática aplica, de forma simplificada, abreviada e o contexto não dá para desenvolvê-lo intelectualmente. Por isso, sempre converso com eles sobre as buscas na internet e nos sites que visitam não são de qualidades ou significativos para aprimorar os estudos.

É preciso que o aluno queira e sinta prazer em relação a leitura, e com certeza, essa atribuição ainda não foi despertada em sua vida, com relação aos meios digitais, voltados para a prática pedagógica.

Vale ressaltar que a criança tem que passar primeiro pela escrita, aprender a escrever, a decodificar sinais gráficos na forma de bastão ou não, mas que possa decifrar o que escreveu e assim, ela passará a ler. Digo que o alicerce de um bom leitor parte de uma alfabetização bem feita e do empenho do professor de base.

Nesse sentido, acredito que é preciso ter excelentes educadores no ensino infantil, pois é a base. Infelizmente muitos gestores colocam qualquer professor, ou melhor, qualquer professor escolhe ir para as séries iniciais, pois, acham que não precisam de esforços e nem estudos para lecionar. Mero engano, aí necessita de profissionais competentes e apaixonados para despertar no aluno a mesma paixão em aprender, pois nesse momento o aluno irá aprender a escrever e iniciar a leitura no “encantado” mundo das letras.

Com todas essas inquietações já apresentadas que eu me questiono: Como temos trabalhado a leitura no processo de decodificação das macro e microestruturas de texto com os alunos? Que processo foi ou está sendo utilizado para que o educando consiga decodificar as relações letras X sílabas na formação das palavras? Qual o papel dos pais no processo de ensino e aprendizagem em relação ao acompanhamento dos filhos? Como o professor tem colaborado para despertar no aluno o prazer de ler? Essas e tantas outras são os questionamentos que estamos levantando a todo instante com relação à leitura dos nossos alunos.

CAPÍTULO II

2 OS DESAFIOS NA PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA, PAUTADA NOS ESTUDOS TEÓRICOS

2.1 O Letramento Multimodal nos Anos Iniciais

É muito comum nas séries iniciais, o professor se preocupar com a escrita da criança, pois acreditam que é fundamental que elas ouçam e se apropriem da linguagem escrita, antes de estarem alfabetizadas e consigam ler por si só.

E assim, após doze anos de estudo, para conseguir um bom resultado, é preciso superar alguns problemas destacados na língua materna como: a incapacidade do aluno de ler e de escrever um texto coerente, a sua insegurança linguística, exceto em situações mais íntimas e informais. Dessa forma, o sistema educacional transforma-se em símbolo de fracasso, por não conseguir amenizar esses obstáculos.

Concordo com Magda Becker Soares¹ onde ela conceitua que "letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno". Com certeza, o letramento perpassa não só pela leitura e escrita, como também na interpretação do que foi lido para poder produzir corretamente dentro da proposta apresentada, surgirão pessoas capacitadas para distinguir qualquer texto e reproduzi-los nas mais variadas formas de redação.

Vale ressaltar a importância da alfabetização nas séries iniciais, pois esta tem como objetivo ensinar o aluno a decifrar o código escrito, oportunizando-o a estabelecer uma interação e um vínculo com a língua escrita e com o próprio ato de leitura.

E por não compreender o processo de ensino nas séries iniciais, ouvimos muitas reclamações de alguns pais como:

¹ Magda Becker Soares. Disponível em:< <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>.> Acesso em jul. 2015.

Depoimento da mãe A:

“Meu filho não está aprendendo, só vai para escola brincar e riscar papel.”

Depoimento do pai B:

“A professora não sabe ensinar, meu filho até agora não conhece as letras, não faz o nome.”

Depoimento da mãe C:

“Vou reclamar na secretaria que meu filho não aprende nada na escola, o professor só brinca.”

Os pais por sua vez não compreendem o processo educativo e acha que ir a escola é para ler e escrever em todas as etapas. Os professores da Educação Infantil, trabalham com os “pré-requisitos”, no desenvolvimento das habilidades viso-motora, memória visual e auditiva, orientação espacial, articulação adequada de palavras, certo grau de atenção, concentração e boa alimentação, facilita a escrita e a leitura futuramente.

Poppovic e Moraes (1966) vem confirmara atuação do professor do Ensino Infantil:

O treinamento motor, que está incluído em todos os exercícios, é feito em forma de recorte e colagem na 1ª e 2ª etapas e com o uso do lápis na 3ª etapa. O uso de formas gráficas com números e letras não significa uma entrada no campo da escrita, o eu seria totalmente prematuro, antes da aquisição da leitura, mas apenas um treinamento motor da movimentação direcional certa que a criança necessitará mais tarde. (POPPOVIC; MORAES, 1966, p. 23).

Assim, afirma ROCHA (2004), quanto às formas multimodais de letramento:

Levar os alunos a reconhecerem esses modos de manobra da ideologia e introduzi-los em formas arrojadas de letramento é fortalece-los para que se tornem sujeitos conscientes, críticos, emancipados para a participação cidadã e, assim, tornarem-se aptos a fazer suas escolhas. (ROCHA, 2004, p. 73).

Dessa maneira, o letramento favorecerá ao aluno formas diversas de conhecimento levando-o a compreender melhor o assunto tratado, envolvendo-o no contexto social que vive, para daí criticar as suas atitudes e do outro.

2.1.1 Experiências diversas com gêneros textuais

Para Bakhtin (1982, apud Brait, 2005), os gêneros discursivos são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, e sim no processo de interação:

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 1982, apud BRAIT, 2005, p.157).

Assim, para que haja uma compreensão do texto, é necessário entender as esferas da linguagem, pois o texto não se forma por si só, de forma desordenada, mas depende da interação lexical, sintática, semântica e dialógica.

No entanto, é necessário proporcionar ao aluno condições eficazes para que este aprenda através de diversas formas de gêneros textuais (verbais ou não verbais) e multimodais, levando-o a estimular a sua leitura e escrita, para que este, interprete na sua vida cotidiana, fazendo-o reconhecer a importância do letramento em sua vivência.

Nesse sentido, ressaltamos que a brincadeira com a linguagem verbal é bastante interessante e lúdica no contexto escolar, pois as crianças se apropriam, manipulam e pensam sobre a língua enquanto brincam, havendo uma competição ente eles. Lembrando que a interação família X escola é imprescindível já que as brincadeiras fazem parte de uma cultura social, levada para o contexto escolar.

Para Leal, Albuquerque e Leite² (2005 apud Brandão e Rosa, 2011), essas brincadeiras podem interagir com o desenvolvimento da língua e leitura:

Quando cantamos músicas e cantigas de roda; ou recitamos parlendas, poemas, quadrinhas; ou desafiamos os colegas com adivinhações; estamos nos envolvendo com a linguagem de uma forma lúdica e prazerosa. Da mesma forma, são os tipos de jogos que fazem parte da nossa cultura e que envolvem a linguagem. Quem nunca brincou, fora da escola, do jogo da forca, ou de adedanha (também chamada de animal, fruta, pessoa), ou de palavras cruzadas; dentre outras brincadeiras? (LEAL; ALBUQUERQUE; LEITE, 2005, p. 117-118, apud BRANDÃO E ROSA, 2011, p. 57 – 58).

² Telma Leal; Eliana B.C. Albuquerque; Tânia Maria R. Leite. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: Artur Moraes; Eliana B.C. Albuquerque; Telma F. Leal. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

O Colégio que leciono trabalha com o Programa GESTAR (Gestão da Aprendizagem Escolar) em Língua Portuguesa, e podemos observar que o material é muito rico, com textos diversos, interpretações, atividades lúdicas e de produção textual muito interessante, onde os alunos leem, interpretam, e produzem seus trabalhos sempre apresentando um tema atualizado.

Nas atividades de interpretação usamos sempre os descritores, para facilitar um bom desempenho dos mesmos. Depois culminamos com a apresentação das produções em sala de aula.

Assim, a gestão escolar, na pessoa do coordenador, tem desempenhado o seu papel, estando atenta, acompanhando o professor na sua prática e metodologia, para que esse, não torne essa prática desmotivadora e perversa, em relação à cobrança da leitura de uma forma inadequada. Essa ressalva se faz necessário, pois muitos professores optam por trabalhar leitura de qualquer forma, não incentivando, causando um trauma no aluno, deixando-o ocupado nessa atividade, mas sem nenhuma cobrança que leve a interação do texto com a vida.

Nesse caso, muitas vezes utiliza-se o texto como pretexto de enrolar a aula, deixando o aluno lendo e interpretando sem um mínimo de comprometimento. Nos momentos de coordenação, os professores de Língua Portuguesa discutem sobre suas atitudes e algumas experiências que deram certo na sua sala de aula, havendo aí, uma troca de conhecimento.

Trabalhar sempre as leituras e conversação em sala facilita a desenvoltura da turma em relação à arte da leitura, e podemos ver que essa concordância tem dado certo com a maioria das turmas. O trabalho com leitura possui desafios diários, pois muitos leem e participam das discussões, já outros não se dispõem a ler, ou por vergonha, ou porque gagueja, ou por não terem sido bem alfabetizados, não conseguindo desenvolver a leitura fluentemente. Por causa dessa diversidade, dificilmente se alcança numa sala de aula, um quantitativo de 100% de leitores fluentes e desinibidos.

Como todo trabalho, em sala de aula existe os pontos positivos, como os alunos que se superam lendo, concorrendo para ver quem ler mais e/ou melhor, ou aqueles que se dispõem a tentar sempre através de uma leitura mais tímida; e os pontos negativos aqueles que não leem de forma nenhuma, tendo dificuldade no seu processo de aprendizagem, outros que saem da sala para não ler, pois sentem-se inseguros e não querem a ser obrigados a fazer. Esse processo de

ensino/aprendizagem é bastante complexo, porque a leitura deve fluir do coração de quem quer e sente necessidade aprender, e da disponibilidade de quem, com muita paciência, quer adquirir o gosto pela leitura.

Trecho de conversas dos professores do CEVOG em reunião Pedagógica em relação as séries iniciais, sobre a leitura dos alunos:

Professor A:

“A minha preocupação é com esses alunos que ainda não conseguem ler fluentemente.”

Professor B:

“V.S.³ não ler nada e sua dificuldade de interpretar é muito grande, ele passa por problemas na família e os pais não sabem como lidar com essa dificuldade dele.”

Professor C:

‘Comigo também é displicente, só se interessa por futebol.’

Professor D:

‘Como deixaram esse aluno chegar até aqui? Bem como tantos que temos sem nenhuma condição em leitura e cálculos matemáticos.’

Professor B:

‘Seria interessante se os pais colocassem esse jovem para o reforço e trabalhassem mais a alfabetização com ele, além de não saber escrever corretamente, escreve de carreirinha, (tudo junto).’

Professor C:

³ Para preservar a identidade dos alunos usamos as iniciais dos nomes.

'Realmente ele escreve de carreirinha, bem como A.S. da 8ª série; R.S. do 1º ano A; C.S. e G. P. do 3º ano Noturno, temos vários casos que precisamos repensar a situação deles.'

A partir desses questionamentos no momento de coordenação com os colegas, é que partilhamos as experiências para trabalhar e tentar reverter esse quadro com relação à falta de leitura e interpretação de textos dos alunos, lacuna essa, deixada pelas séries iniciais.

Na discussão, podemos perceber que alguns professores já trabalham também dessa forma, com a leitura coletiva, partilhada, e interpretação, mesmo enfrentando ainda as resistências de alguns alunos, ressaltando que, tem melhorado bastante, pois hoje, eles não reclamam tanto no momento de leitura, nas séries do Ensino Fundamental II, onde a carga horária ainda condiz ou não condiz com o que se tem a apresentar.

No Ensino Médio a carga horária é reduzida e tem menos tempo para se trabalhar, porém trabalhamos com leituras e apresentações de textos para que os alunos dominem essa competência leitora. Nesse caso, precisam desempenhar um papel de cidadãos leitores críticos, onde percebemos na maioria das vezes as dificuldades que veem enfrentando com relação a leitura, interpretação e produção.

Nas aulas de Língua Portuguesa, Redação e Arte, tenho trabalhado temas que discutimos através da leitura coletiva, onde os alunos produzem textos, poemas, músicas e depois apresentam, para que cada um possa expressar a sua capacidade e conhecimento sobre o assunto.

Esses momentos tornam as aulas mais motivadas, onde é visível a participação atuante dos alunos, até mesmo dos mais tímidos, que no primeiro momento se anulam frente aos outros, porém, com um incentivo, acabam fazendo seu trabalho apresentando serenamente. O mais interessante é que o resultado é muito bom, tanto para os que já são ativos, quanto aos que são acanhados, que aprendem a melhorar a sua timidez e participação em sala de aula, porém, num processo mais lento.

Para comprovar as atitudes relacionadas acima Weisz (2006), confirma:

Se o professor quer saber o que alguém que ainda não sabe ler pensa sobre as questões que estão relacionadas ao ato de ler, precisa criar situações específicas. E essas situações têm de demandar que as

crianças façam coisas para que ele possa perceber o que pensam através das suas ações. (WEISZ, 2006, p.27).

Muitas dessas situações eu vivenciei com meus alunos que não aceitavam ler, e diversas vezes me chateava com as atitudes apresentadas, porém, a maioria sobressaia com as atividades aplicadas. Veja o depoimento de um aluno em relação às atividades de leitura em sala de aula:

Aluna C.B.S.

- “Professora quero agradecer pelas aulas em que muitas vezes eu me recusei de ir à frente ler e apresentar atividade, mas hoje vejo a importância de ter me esforçado e ido, pois, tenho um salão e vejo a necessidade de conversar e apresentar o meu trabalho aos clientes, onde hoje faço sem aquele medo de antes, isso graças as nossas aulas.”

Essa foi uma experiência bastante exitosa. Enquanto para alguns, em alguns momentos me torno chata por exigir que leiam e produzam seus conhecimentos, para outros é válido esse trabalho insistente de leitura e releitura, e depois, é gratificante o reconhecimento no momento da necessidade do seu dia-a-dia.

Na medida em que o homem retoma a palavra real, ou seja, o diálogo social, e o enfatiza de forma histórica e/ou imaginária, a palavra torna-se poética, quando desviada da linguagem de comunicação, onde esta passa a ser, para os formalistas, “uma palavra opaca ou coisificada”.

Assim, Bakhtin (1996, apud Zandwais, 2005, p. 16) afirma que: “Ocorre a metamorfose inversa. É pelo objetivo comunicativo com relação ao outro, pela transparência e pela historicidade integral do enunciado que a palavra se reabilita e se reanima”.

E para ilustrar o que o pensamento de Bakhtin confirma, é que disponibilizei dez aulas da disciplina de Meio Ambiente, com o Projeto de Cordel, tendo como tema Meio Ambiente, onde separei alguns textos científicos com relação à temática proposta, que procedeu da seguinte forma: Na primeira aula houve a socialização com a turma e conscientização desse trabalho, que para eles era novo. Não foi fácil, em meio às dificuldades, pensei em desistir várias vezes, foi um trabalho árduo e longo, no entanto, permaneci firme no propósito, e foi mais de um mês para concluir.

Na segunda aula, fiz a divisão dos grupos com leitura aprofundada dos textos sobre Meio Ambiente, onde preparei sete textos diferentes xerografados e entreguei aos grupos.

Nas aulas seguintes, depois de muitos estudos, iniciamos a produção dos poemas para formar o cordel, logo depois de concluir essas etapas, fomos para a digitação e organização dos livretos de cordel, e na décima aula, fizemos a apresentação no colégio, onde o resultado foi muito gratificante. Confesso que de início não acreditava que iria obter resultados, pois houve muita resistência por parte dos alunos, mas depois de muita explicação e orientação, consegui alcançar excelentes resultados.

Trechos de um cordel construído pelos alunos do 5ª série D matutino:

Nossa natureza não podemos desmatar
Do nosso ambiente temos que cuidar
Por causa da poluição no nosso riacho
Devemos ter muito cuidado.

Não jogar lixo no rio
Para não poluir o ambiente
Jogue lixo no lixo
E cuide do ambiente da gente.

Nossa cidade é bonita
Tenha cuidado com a rua
Não desmate a natureza
E mantenha limpa a sua rua.

Para ter vida no mundo
É preciso ter cuidado
Não desmate a natureza
E os problemas serão sanados.

Vamos cuidar e não desmatar
Vamos colaborar plantando árvores
Também temos que cuidar do nosso rio
Manter nossa cidade mais limpa. [...]

O trabalho apresentado é o resultado das muitas competências e habilidades propostas aos alunos, como: ler e interpretar textos diversos, aprimorar a leitura oral, exercitando a partir de orientações sobre o texto, produzir, sintetizar, interpretar e resumir textos.

Com relação a clássica teoria dos gêneros, a forma poética se apresenta por classificação, na obra de Aristóteles esse termo é muito evidente. Em sua *Poética*, os

gêneros são classificados como obra de voz representada na poesia da seguinte forma:

- Primeira voz - à lírica;
- Segunda voz – à épica;
- Terceira voz – o drama⁴

Essa distribuição é paradigmática e hierárquica, representada a partir de um único meio: a voz. Assim, para a cultura letrada, essa teoria passou a ser a sua base nos estudos literários. É por isso que os nossos alunos nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura reclamam dos textos poéticos e prosaicos de grandes escritores, onde tem que fazer a leitura e interpretar os textos, que muitas vezes por serem de estilos literários diferentes e épocas distantes da nossa, apresentam um vocabulário complexo, sendo incompreendido por muitos no momento da discussão e produção, dificultando o seu entendimento e produção.

Segundo Bakhtin (1982, apud Brait, 2005), a mobilidade da prosa levou a cultura a se prosificar:

Quando se olha o mundo pela ótica da prosa, toda cultura se prosifica. A prosa está tanto na voz, na prosa, quanto na littera. Na verdade, a prosa é uma potencialidade que se manifesta como fenômeno de mediação, que age por contaminação, migrando de uma dimensão para outra. (BAKHTIN, 1982, apud, BRAIT, 2005, pp. 153-154).

Daí, os textos produzidos pelos alunos e trabalhados em sala de aula sofrem essa prosificação, comum nos grupos culturais.

Bakhtin⁵ (1982), afirma que há uma riqueza muito grande e uma dinâmica entre os gêneros discursivos:

[...] a riqueza e diversidade de gêneros discursivos é imensa, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera. (BAKHTIN, apud BRAIT, 2005, p. 155)

Assim, podemos analisar todo o trabalho que foi apresentado pelos alunos da 5ª série, onde houve uma interação e participação de todos, para que os resultados

⁴ Irene Machado, O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin, Rio de Janeiro: Imargo, 1995, p. 152.

⁵ Mikhail Bakhtin, Estética de la creación verbal, trad, Tatiana Bubnova, Ciudad del México, Siglo Veintiuno, 1982, p. 248.

fossem satisfatórios, cada um se apresentou através das atividades propostas, dentro das suas possibilidades e complexidades.

Em outras experiências, também tenho conseguido, apesar de muita luta, conversar e conscientizar os alunos, pois, tudo de início apresenta resistência, mas acredito que quando apresento as atividade, e peço para fazer leitura para o entendimento do assunto, alguns recuam para não ler, mas depois, mas depois a atividade é iniciada e concretizada.

Mas infelizmente nem tudo é sucesso, tenho as minhas decepções, alunos que não participam, ficam fora dos projetos, se anulando, por não gostar de participar, perdendo até os pontos da unidade, pois trabalho com notas somatórias de diversas atividades realizadas na unidade, e essa reação passiva do aluno desanima um pouco.

Percebo uma grande resistência quanto à leitura por parte de alguns alunos, onde já mencionei anteriormente das dificuldades em ler fluentemente, da preguiça e da vergonha de se expor fazendo leituras em voz alta em sala de aula. Acredito que seja por falta de uma prática constante em sua vida, o qual não houve esse engajamento com a leitura, essa familiaridade com o ato de ler.

Dessa perspectiva, analisamos que os PCNs de Língua Portuguesa insistem sobre a necessidade de que a escola deva formar leitores e escritores, incentivando os professores para que trabalhem com maior intensidade na prática, para que o aluno conheça e compartilhe dessa riqueza múltipla vivenciadas nos textos.

Segundo Freitas (2000), em uma pesquisa sobre Práticas Socioculturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes aborda que, nesse início de século, estamos instituindo uma convivência com três tipos de texto: o manuscrito, o impresso e o eletrônico.

[...] Esses indicam que a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, precisa atender às demandas das transformações dos níveis de leitura e escrita, realizando uma revisão substantiva de suas práticas de ensino para que essas possibilitem o aluno a aprender a linguagem a partir da diversidade de textos que circulem socialmente. (FREITAS, 2000, p. 45)

Mais adiante complementa:

O ensino da Língua Portuguesa preconizado pelos PCNs está baseado na crítica de uma abordagem que leva a escola a trabalhar com textos fechados em aspectos e funções exclusivamente escolares

e na proposição da construção de uma competência discursiva por parte de seus alunos. Esta só se tornará possível no convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. [...] O professor, além de ser aquele que ensina conteúdos, é alguém que transmite o valor que a língua tem para si. Se o professor tem uma relação prazerosa com a leitura e a escrita certamente poderá funcionar como um mediador para seus alunos. (FREITAS, 2000, p. 65)

Dessa forma, os PCNs constituem, um grande avanço para o ensino-aprendizagem de leitura e produção de textos, ao proporem uma metodologia de enfoque enunciativo-discursivo a ser desenvolvida nas salas de aulas. Por consequência, desfaz-se a concepção de ensino tradicional de língua materna de feição normativo e conceitual.

Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe a escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos de ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulem socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (PCN, Língua Portuguesa, 1998, p. 23).

Coaduna-se com essas reflexões as dos PCNs da Língua Portuguesa, onde faz-se necessário o uso dos gêneros textuais para auxiliar a prática de leitura e produção textual desde as séries iniciais, dando assim, maior suporte para o aprimoramento desse processo de aprendizagem, pois, o reforço da leitura, interpretação e produção não pode ser excluído em nenhuma das áreas de conhecimento, sendo errôneo pensar que só na disciplina de Língua Portuguesa que é necessário aprofundar e trabalhar tais textos. É interessante lembrar que o uso de pequenos textos coerentes nas séries iniciais, favorecerá a compreensão da criança para que esta comece a produzir textos significativos.

Por isso é imprescindível trabalhar com textos diversos, dentro da sua exatidão, mesmo sabendo que suas características sejam comuns entre si, porém com suas ações heterogêneas articuladas, e com um tipo de suporte comunicativo, favorecendo o conhecimento.

É necessário tomar como base, para um bom estudo não só as análises de estratos como as letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que descontextualizados são apresentadas como exemplo de estudo gramatical e pouco tem a ver com a competência discursiva. Como estudo tradicional ainda fazemos isso

nas nossas atividades em sala de aula, voltado para o trabalho gramatical por exemplo em atividade como essa:

Retire do texto acima: 2 substantivos comuns, 2 substantivos composto, 2 substantivos próprios, 2 substantivos derivados. E assim estamos trabalhando os textos em sala de aula, focando mais a parte gramatical do que a contextualização, não dando oportunidade ao aluno de aprofundar na leitura e produzir novos textos. (Atividade proposta por um professor).

Bakhtin⁶ (1895-1975, apud Brait 2013), vem ressaltar a questão da gramática em sala de aula:

As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo. [...] Na prática [...] o conteúdo das aulas de língua materna é a gramática pura. (BAKHTIN 1997, apud BRAIT 2013, p.7).

Hoje a educação perpassa por diversas modalidades para chegar a um encantamento, ou melhor, para incentivar o aluno a buscar mais saberes através de diversos recursos para motivá-lo.

É importante tomar como marco para a aprendizagem o texto. O qual está voltado para várias temáticas, composição e estilística caracterizando-o como este ou aquele gênero. Assim, a noção de gênero, passa a ser incluída como objeto de ensino e aprendizagem quando cobrado de maneira geral, levando o aluno a compreensão oral e escrita bem como na sua produção oral e escrita de textos pertencentes aos diversos gêneros textuais.

Os gêneros discursivos estudados por Mikhail Bakhtin foram desenvolvidos, considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo numa interação, favorecendo os processos produtivos da linguagem.

Depois de muitos estudos feitos por Bakhtin, houve uma mudança conceitual em relação aos gêneros, quanto a formação poética e quanto as práticas prosaicas, dando oportunidade a todos participarem de forma interativa tanto pelos meios de comunicação de massa, quanto as modernas mídias digitais.

⁶ Mikhail Bakhtin, *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo, Hucitec, 1997, p.124.

Para Bakhtin (1895-1975, apud Brait 2013), o professor é responsável pelo sucesso do aluno ao planejar as suas aulas inovando sempre:

O sucesso da missão de introduzir o aluno na língua viva e criativa do povo exige, é claro, uma grande quantidade e diversidade de formas e métodos de trabalho. [...] Resta ao professor ajudar nesse processo de nascimento da individualidade linguística do aluno por meio de uma orientação flexível e cuidadosa. (BAKHTIN 1997, apud BRAIT 2013, p.7).

Dessa perspectiva, é que propus aos alunos da 8ª série vespertino um trabalho diferente, uma pesquisa de campo nas ruas da cidade, onde os alunos teriam que pesquisar, filmar, fotografar, e analisar os gêneros textuais encontrados nesses espaços. Disponibilizei seis as aulas, lembrando que são aulas duplas.

Na primeira aula, expliquei como aconteceria o trabalho, falei sobre os diversos gêneros textuais e dividir os grupos e as ruas que cada um iria pesquisar. Na segunda aula, liberei os grupos para que fossem colher o material nas ruas. Cada grupo fotografou os textos encontrados como faixas, outdoor, cartazes, sinais e placas de trânsito. Após essa coleta de dados, voltaram para o Colégio e foram produzir os textos e seus slides para a apresentação.

Na terceira e quarta aula, começaram a apresentar de formas variadas e explicando cada descoberta que tiveram.

Na quinta e sexta aula, abrimos para avaliação do trabalho apresentado, onde pude ouvi-los com atenção, relatando as suas experiências com a atividade

Depoimentos dos alunos em relação ao trabalho apresentado:

Aluno A:

“Gostei! Foi uma experiência a mais sobre os textos em nossa cidade.”

Aluno B:

“Não tinha noção dos gêneros textuais das ruas!”

Aluno C:

“o povo não liga para a leitura dos textos, pois tinha uma placa jogada no rio.”

Aluno D:

“Em relação as placas de trânsito os motoristas não leem, nem respeitam o direito do outro.”

Aluno E:

“Não tem respeito pela leitura, pois os jovens destroem, danificam os cartazes.”

Aluno F:

“Por conta das tecnologias, as pessoas não observam os cartazes das ruas, se ligando mais na internet.”

Aluno G:

“Gostei pois pesquisamos próximo ao colégio.”

Aluno H:

“Gostei, pois foi menos quinze minutos fora do colégio. Foi um trabalho diferente.”

Aluno I:

“Pena que as pessoas não se importam com os avisos, que são importantes.”

Aluno J:

“Gostei, porque vi muitos anúncios diferentes e percebi que as pessoas não conseguem obedecer as leis.”

O educador tem que oferecer diversas opções de conhecimento através de textos variados como poemas, gráficos, quadrinhos, charges, receitas, músicas, imagens revistas, sites de buscas e pesquisas confiáveis para que o aluno se encante com tantas formas de aprendizagens, especialmente no âmbito visual, graças as novas tecnologias.

A essas opções, foram criados os descritores que são “os detalhamentos de uma habilidade cognitiva” (em termos de grau de complexidade), que está associada

a um conteúdo que o estudante deve dominar na etapa de ensino em análise. Esses descritores foram criados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), atribuídos à Prova Brasil, para que o aluno pudesse “não só decodificar, mas entender” o que está lendo.

Assim o SAEB (2002), decidiu observar a compreensão textual criando os descritores de Língua Portuguesa:

No SAEB 2002, área de Língua Portuguesa, optou-se por avaliar somente habilidades de leitura. Um bom leitor, além de mobilizar esquemas cognitivos básicos, de ativar conhecimentos prévios partilhados e relevantes ao contexto, recorre a seus conhecimentos linguísticos para ser capaz de perceber os sentidos, as intenções – implícitas e explícitas - do texto e dos recursos que o autor utilizou para significar e atuar verbalmente. (SAEB 2001, p. 18).

E pensando no bom desempenho do aluno é que temos trabalhado os descritores em Língua portuguesa, para facilitar a compreensão dos alunos:

O tópico I, trabalha os procedimentos de leituras: o aluno tem que localizar no texto informações explícitas; inferir uma informação implícita em um texto; identificar o tema; distinguir um fato e destacá-lo.

Exemplo de atividade retirada de modelos da Prova Brasil de 2014:

O DISFARCE DOS BICHOS

Você já tentou pegar um galhinho seco e ele virou bicho, abriu asas e voou? Se isso aconteceu é porque o graveto era um inseto conhecido como “bicho-pau”. Ele é tão parecido com o galhinho, que pode ser confundido com o Existem lagartas que se parecem com raminhos de plantas. E há grilos que imitam folhas. Muitos animais ficam com a cor e a forma dos lugares em que estão. Eles fazem isso para se defender dos inimigos ou capturar outros bichos que servem de alimento. Esses truques são chamados de mimetismo, isto é, O cientista inglês Henry Walter Bates foi quem descobriu o mimetismo. Ele passou 11 anos na selva amazônica estudando os animais. O bicho-pau se parece com:

- (A) Florzinha seca.
- (B) Folhinha verde.
- (C) Galinho seco.
- (D) Raminho de planta.

MAVIAEL MONTEIRO, José. Bichos que usam disfarces para defesa. FOLHINHA, 6 NOV. 1993.

No tópico II, quanto as implicações do suporte, do gênero e/ou enunciados na compreensão do texto: o aluno terá que interpretar texto como auxílio de material gráfico diverso, propaganda, quadrinhos, fotos, etc. bem como identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

Exemplo de atividade retirada de modelos da Prova Brasil de 2014:

BULA DE REMÉDIO

COMPRIMIDOS

Embalagens com 50 comprimidos

INFORMAÇÕES AO PACIENTE

O Produto, quando conservado em locais frescos e bem ventilados, tem validade de 12 É conveniente que o médico seja avisado de qualquer efeito colateral.

INDICAÇÕES

No tratamento das anemias.

CONTRA-INDICAÇÕES

Não deve ser tomado durante a gravidez.

EFEITOS COLATERAIS

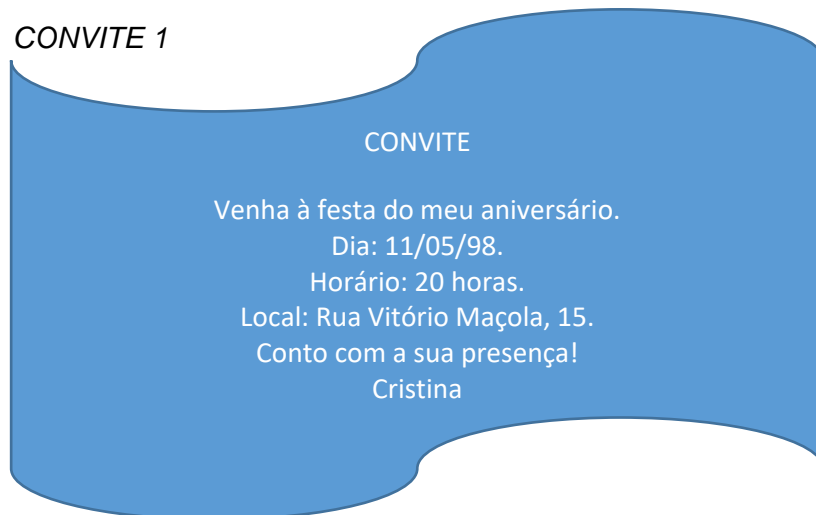
Pode causar vômito e tontura em pacientes sensíveis ao ácido fólico da fórmula. Esse texto é:

- (A) Um classificado
- (B) Uma receita.
- (C) Um bilhete.
- (D) Uma notícia.

No tópico III, trabalha a relação entre textos: o aluno terá que reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema em funções das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido; reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou tema.

Exemplo de atividade retirada de modelos da Prova Brasil de 2014:

CONVITE 1



CONVITE 2

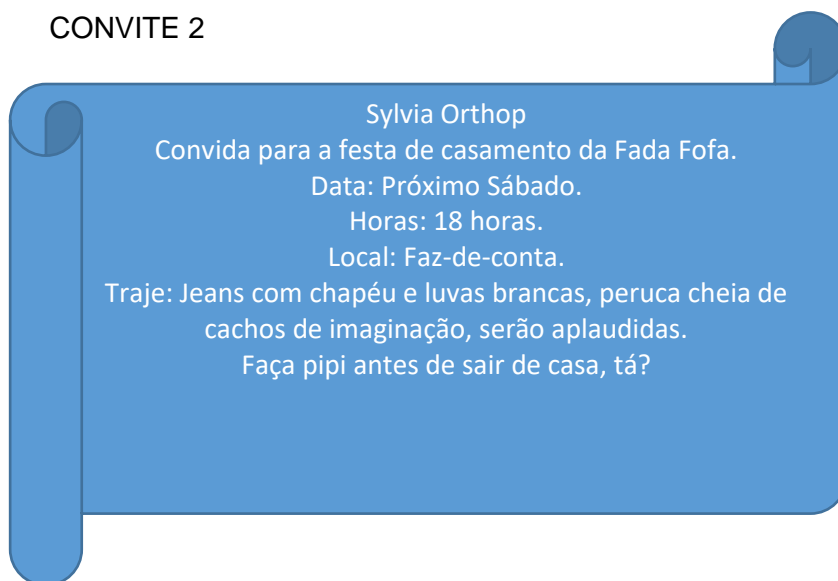


IMAGEM 1 – Convite

Ao compararmos os dois convites notamos que são diferentes porque:

- (a) Os dois pertencem ao mundo real.
- (b) Os dois pertencem ao mundo imaginário.
- (c) Apenas o primeiro convite pertence ao mundo real.
- (d) Os dois tem as mesmas informações para os convidados.

O tópico IV, apresenta coerência e coesão no processamento do texto: o aluno terá que estabelecer entre partes de um texto, identificando repetições e substituições para continuidade do texto; identificar o conflito gerador e os elementos que constroem a narrativa; estabelecer relação entre causa e consequência entre partes e elementos do texto; estabelecer relação logico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc. identificar a tese de um texto; estabelecer relação entre tese e argumentos oferecidos para sustenta-la; diferenciar as partes principais das secundárias.

Exemplo de atividade retirada de modelos da Prova Brasil de 2014:

“Por ter uma visão apurada o cão consegue, mesmo que a certa distância, perceber alterações nos movimentos de uma pessoa amedrontada. O animal descende do lobo e dele herdou o instinto de caça. Se alguém passa a andar furtivamente com uma postura submissa, **ele** identifica logo uma presa fácil.”

A palavra grifada no texto refere-se:

- (A) A alguém.
- (B) Ao cão.
- (C) Ao instinto.
- (D) Ao lobo.

No tópico V, apresenta relações de recursos expressivos e efeito de sentido: o aluno deverá identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados; identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e outras notações; reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra e expressão; reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintático.

Exemplo de atividade retirada de modelos da Prova Brasil de 2014:





IMAGEM 2 - Tirinhas do Garfield⁷

1. Nesse texto, o humor está no fato de

- (A) O gato sair correndo atrás do rato.
- (B) O homem se assustar com o rato.
- (C) O gato pegar o biscoito e não o rato.
- (D) O rato roubar o biscoito e sair correndo.

E no VI tópico, apresenta as variações linguísticas: onde o aluno deverá identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Exemplo de atividade retirada de modelos da Prova Brasil de 2014:

Leia o texto para responder à questão abaixo:

Nada Tanto Assim

Leoni / Bruno Fortunato

*Só tenho tempo
pras manchetes no metrô
E o que acontece na novela
Alguém me conta no corredor*

*Escolho os filmes
que eu não vejo no elevador
Pelas estrelas
que eu encontro*

*Na crítica do leitor
Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa
Mas nada tanto assim*

*Só me concentro em apostilas
coisa tão normal
Leio os roteiros de viagem*

⁷ Disponível em < http://tirinhasdogarfield.blogspot.com.br/2006_09_01_archive.html.>
Acesso em 20 de nov.2014.

Enquanto rola o comercial

*Conheço quase o mundo inteiro
por cartão postal
Eu sei de quase tudo um pouco
e quase tudo mal.*

www.letrasterra.com.br

O trecho que aponta uma consequência da falta

de tempo do eu do texto é:

(A) “Só tenho tempo pras manchetes no metrô”;

*(B) “Só me concentro em apostilas coisa tão
normal”;*

*(C) “Eu sei de quase tudo um pouco e quase
tudo mal”;*

(D) “E tanta coisa me interessa”.

Segundo Solé (1998, p. 23), confirmando com alguns pensadores em relação a perspectiva interativa, diz que: “a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita.” Partindo dessa afirmação, que as escolas têm trabalhado os descritores para facilitar a obtenção de resultados satisfatórios no trabalho de leitura e compreensão de textos.

O professor tem reestruturado a sua metodologia quanto ao estudo de texto: primeiro ele incentiva a turma para iniciar a leitura fazendo um breve comentário sobre a mesma, depois pede que façam uma leitura silenciosa, em seguida uma leitura coletiva e em sequência, trabalha os descritores na sua interpretação, levando o aluno a analisar com mais intensidade o que é lido, para uma boa interpretação e produção.

Em relação a avaliação, procuro fazer a correção com a turma, entrego a atividade e chamo atenção para que sejam honestos e não refaçam sem ter corrigido corretamente. Os que acertam vibram, os que erram refazem chateados pois percebem que foi uma besteira e não acertaram por causa da pressa. Depois de avaliadas, eu recolho e revejo os erros e acertos e atribuo uma nota.

Alguns relatos dos alunos em relação ao processo de avaliação:

Aluno A:

“Poxa! Esse eu errei. Tava em minha cara e eu não acertei.”

Aluno B:

“Oh que burrice! Esse tão fácil e eu errei!”

Aluno C:

“Oba! Acertei mais um. Tô fera!”

Aluno D:

“Agora sim! Esse deu certo.”

Com base em Luckesi (2008), queremos buscar caminhos certos para a efetivação da nossa proposta educacional:

A escola cabe trabalhar para o desenvolvimento das capacidades cognitivas do educando em articulação com todas as habilidades, hábitos e convicções do viver. Capacidade, como as analisar, compreender, sintetizar, extrapolar, comparar, julgar, escolher e decidir, etc.... tem por suporte conhecimentos que, ao serem exercitados, produzem habilidades que, por sua vez, se transformam em hábitos. (LUCKESI, 2008, p. 126).

Com toda essa mudança, ainda é notório observar uma defasagem quanto ao IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), pois os alunos ainda comentam sobre os textos longos e uma prova extensa, levando-os a não fazerem uma leitura mais aprofundada e interpretativa como é o objetivo do programa. Sabemos que o aluno tem “desinteresse” em ler muitos textos, daí a dificuldade de obter bons resultados.

Em função disso, os PCNs (1998) confirmam:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita... (PCNs, 1998, p.94).

Com base no que os PCNs apresentam, o leitor tem que está apto a ler com coerência para identificar no texto proposto todos os aspectos da leitura para uma excelente interpretação.

2.1.2 Instrumentos de apoio para dinamizar as aulas

O livro didático é um instrumento bastante usado como apoio na prática pedagógica, mas, percebemos que as leituras nem sempre são fascinantes, ora muito extensa, ora desinteressante, diversas vezes fora de contexto ou realidade vivida pelo aluno, entre outros itens, fazendo com que o aluno não se sinta atraído por ela.

Fazendo uma breve análise dos livros que uso em sala de aula, tem o livro usado no 6º ano do ensino Fundamental II, Português Linguagens, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da Editora Saraiva. Esse instrumento de apoio possui diversos gêneros textuais com interpretação contextualizada com a gramática, no entanto, a parte ortográfica poderia ser mais aprofundada, mas dá para fazer um bom trabalho, claro que se deve buscar apoio em outros materiais.

O livro do Ensino Médio é *Português Linguagens em Conexão*, de Maria das Graças Leão Sette, Maria Antonia Travalha e Maria do Rozário Starling de Barros, da Editora Leya. Esse material possui muitos textos voltados para a literatura e a parte gramatical é muito restrita, precisando de outros suportes.

No caso dos alunos do turno noturno, que raramente tem tempo para fazer leitura e pesquisar, o livro é um tanto quanto complexo e difícil, onde muitas vezes não atinge a realidade do aluno, ou seja, o nível de compreensão é baixo, devido a problemática de cada um, como é o caso do aluno da zona rural, que acorda muito cedo para trabalhar no campo, sem ter tempo de aprofundar seu estudo; aluno que fica no trabalho exposto ao sol, como é o caso de muitos garís, camponeses, pedreiros e ajudantes, bem como os que trabalham nos supermercados, lojas e feiras sem ter descanso.

No caso dos alunos do Ensino Médio, muitos vêm para o colégio, para tentar se preparar e conseguir um certificado de conclusão, buscando novas oportunidades na vida. Outros ainda vêm por conta da merenda escolar, que é muito boa, visto que em casa não tem o necessário para se alimentar e também por conta do wi-fi, que é livre para alunos, e muitos não tem condições de ter internet nos celulares.

Esses alunos, principalmente os do campo, não levam o livro que recebem para casa por conta do peso, da distância, dificultando assim a sua aprendizagem. Alguns alunos da cidade também alegam a quantidade de livros que trazem e levam todos os dias para o colégio, preferindo deixar na escola. O livro para alguns alunos é um fardo, não é um instrumento facilitador da aprendizagem, demonstrando assim, o desinteresse pelo estudo.

Para dar aulas, não utilizo apenas o livro didático, busco textos, revistas e apostilas para trabalhar com eles, diversificando os instrumentos, já que acham o livro pesado.

É importante mencionar que existe inúmeros erros encontrado nos livros didáticos, com isso, é interessante que o professor fique atento com as discordâncias encontradas, tanto nas atividades respondidas como em exemplos gramaticais apresentados nos livros.

É necessário se ater as essas questões, para não se apegar ao livro, como “mola mestra”, é interessante que o educador busque outros instrumentos e fontes para orientar a sua prática. Porém, o livro não deve ser considerado como instrumento principal de conhecimento disponível para o educando.

Quanto à metodologia usada em sala de aula é bastante variada, pois, há momentos que usamos a concepção tradicional, onde nos propomos a transmitir todo e qualquer conhecimento, através das aulas expositivas e explicativas, usando a leitura compartilhada para que todos possam participar.

Em outros momentos utilizamos a concepção escola novista, onde procuramos garantir o aprimoramento individual e social, quando trabalhamos com atividades de leitura e produção individual e/ou coletivo, fazendo o aluno se inteirar com o outro, trocando experiências e conhecimentos, e em outros momentos usamos o celular, que é o instrumento mais recente em sala de aula, porém é importante ressaltar que nem todos têm celular com internet, e nesse momento distribuo a atividade em grupos, para possibilitar também os que não têm celular, pesquisando em grupo, visto que o laboratório do colégio está desativado.

Em outros momentos, principalmente nas aulas de Redação usamos a concepção crítica, onde propomos garantir o processo de reflexão crítica sobre a sua realidade vivenciada, visando uma tomada de consciência, pautada na sua transformação.

Dessa forma, vamos planejando as nossas atividades para dinamizar as aulas, buscando através das experiências vividas e das trocas de experiências com os colegas, uma educação de qualidade para os alunos.

A mais recente experiência foi com o 3º ano noturno, na aula de Redação, onde propus apresentar um sarau com poesias da 1ª fase do Modernismo. Na primeira aula, expliquei como seria, como iríamos apresentar. Houve uma resistência por parte de alguns alunos, problema já citado anteriormente, em ter que ler, decorar as poesias e apresentar. Na segunda aula, dividimos os grupos e os poemas que iriam apresentar.

No decorrer da atividade, ocorreu um fato interessante, foi um aluno muito indignado, que veio a mim e disse: *“Eu não quero fazer, pois, não sei decorar”*. Eu conversei bastante com ele, mostrei que era fácil e que ele tinha capacidade, era só se esforçar e aprimorar.

Nas aulas seguintes ficamos ensaiando e ele não demonstrava tanto interesse, mas, tinha certeza que conseguiria. No decorrer da aula, ao distribuir os versos do grupo dele, eu cometi um engano sem nem me dar conta, dei a maior parte para ele. Só após chegar em casa, me dei conta do que tinha feito, mas, como ele não reclamou com relação ao texto, continuamos ensaiando.

No processo de preparação para concluir a atividade, foram utilizadas seis aulas com os textos, ensaios para avaliar a dicção, entonação, articulação das palavras, apresentação e encenação.

Na sétima aula, vi que já poderíamos apresentar e assim aconteceu. Convoquei os grupos e iniciamos as apresentações. Pedi permissão para filmar e foi surpreendente! Os alunos superaram a minha expectativa e o estudante que me questionou, foi o que mais se destacou, apresentou com serenidade e tranquilidade, decorou corretamente e foi brilhante! O resultado foi muito exitoso, pois aquele rapaz que não acreditava no seu potencial, sem ter tempo para estudar, que trabalha na zona rural fazendo hortas sol a pino, foi que sobressaiu com a apresentação.

Atualmente, é bastante comum se trabalhar com sequência didática, pois esta, facilita o trabalho do professor como um todo. A sequência didática é o planejamento com uma duração maior que o plano diário. O educador planeja suas aulas sequenciadas observando quanto tempo precisará para concluir suas atividades.

Modelo de uma sequência didática utilizada na turma do 6º Ano B do CEVOG do turno vespertino. O tema proposto foi “Trabalhando com gêneros textuais: poema e música”. Para que o trabalho fluísse em sala de aula, utilizei atividade do caderno

do aluno, criando um varal de poesias ilustradas, na página 48, caderno 3, unidade 10, aula 08 adaptada.

O aluno teve que desenvolver as competências e habilidades como: ampliar a competência comunicativa dos estudantes; utilizar diferentes linguagens e diferentes tipologias textuais; Interpretar textos orais a partir de histórias ouvidas e gravuras; expressar-se oralmente com clareza e objetividade; Identificar aspectos sonoros da língua; ler e reconhecer textos variados e diferentes gêneros; Produzir textos de vários gêneros, obedecendo às estruturas e o os mecanismos de articulação da língua.

Nesse trabalho, como meta a alcançar busquei: incentivar os alunos a ter contato com poemas; levar o aluno a perceber o texto poético com uma expressão dos sentimentos e emoções; levar o aluno a conhecer as características do gênero poema; produzir poema.

Para desenvolver a aula, utilizei essas propostas na primeira aula: distribuir aleatoriamente (sobre as carteiras dos alunos alguns poemas e propor que escolham um texto para ilustrar,) interpretando o texto através do desenho; entregar para a turma lápis de cor para ilustrar o poema escolhido; criar um varal de poesias com os trabalhos da turma.

Na segunda aula propus: escrever no quadro um poema curto e um texto em prosa (apenas um parágrafo); solicitar que leiam e percebam a diferença entre os dois textos, quanto a estrutura formal; conversar com os alunos sobre o uso consciente da água; solicitar que criem um poema sobre o tema água no planeta.

Na terceira aula pedi para: distribuir cópias da música Planeta Água; solicitei que parodiem a música apresentada.

Na quarta aula pedi que realizassem um momento cultural para as apresentações e criassem o varal de poema da turma. Depois das apresentações, que partilhassem a experiência vivida. Assim alguns alunos partilharam:

Aluno 1 - "Foi muito bom fazer essa atividade. Aprendi muito!"

Aluno 2 - "A aula foi muito dinâmica, prazerosa, muito animada."

Aluno 3 - "De início eu não queria fazer, mas depois da animação da turma, resolvi participar."

Aluno 4 - "Foi um pouco complicado, tive dificuldade de organizar a paródia, mas tentei."

O modelo de trabalho foi muito interessante, os alunos se envolveram muito, lendo, criando textos e partilhando com o outro, foi muito prazeroso. Utilizamos quatro aulas bem participadas e a apresentação foi muito boa. Não se pode negar que para se realizar um trabalho em grupo há sempre alguma resistência, mas, depois de conversar e mostrar a necessidade de ler e interpretar um texto, eles se convenceram e quiseram participar dando a sua opinião, produzindo a sua paródia.

Solé (1998), chama atenção para que se realize o processo de leitura condizente com a capacidade de cada aluno de aprendizagem e raciocínio.

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraíndo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Isso só pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário. É um processo interno, mas deve ser ensinado. (SOLÉ, 1998, p. 32).

É interessante que o professor esteja atento a todos os acontecimentos em sala de aula, observando quem participa, faz as atividades e os que são mais retraídos, ou esperam pelos outros, pois não se obtém um resultado igual para toda a turma, uns são mais autênticos e sobressaem e outros são tímidos, não se mostram por vergonha ou por não saber.

Questionamentos dos alunos em relação a compreensão de textos:

Aluno A:

“Professora, fico triste porque no momento da leitura eu tenho dificuldade de entender o texto.”

Aluno B:

“Começo ler o texto e fico com preguiça de terminar, e sinto a dificuldade de entender pois não consigo ler por inteiro.”

Aluno C:

“A minha dificuldade é interpretar. Não compreendo a linguagem o autor.”

A minha resposta é sempre a mesma:

“Vocês precisam ler bastante, pois, para haver um entendimento mais profundo, uma leitura superficial não favorecerá o entendimento, para aqueles que tem dificuldades na linguagem do autor, nas palavras, procurem estar com o dicionário por perto para tirar as dúvidas de vocábulos que vocês não conhecem. Procurem ler diversos textos para que possa fluir um boa interpretação.”

Nas diversas situações apresentadas, cabe ao professor rever as suas atitudes e atividades, dando nova oportunidade ao aluno que recusa fazer atividade proposta por ser tímido, no caso de seminário ou apresentação oral, envolvê-lo em outra atividade escrita, para que esse não venha se sentir constrangido. Algumas vezes os resultados são surpreendentes, valendo toda a preocupação, chatices e esforços, que enfrentamos com os alunos ao mostra-lhes as nossas intenções com as atividades propostas nas aulas, onde alguns fazem descaso com as nossas indicações.

A maioria dos alunos, se envolvem nas atividades por compreender que depende do conteúdo para vivenciar no contexto social e garantir uma vida mais digna. Com esse respaldo, o aluno encontra amizade e experiência comigo, através da comunicação direta, clara, objetiva e eficaz.

Diante do êxito do trabalho realizado em sala de aula, vários alunos vêm pedir para que eu corrija suas redações, para que possam aprimorar para os concursos, ENEM ou vestibulares. Como todo processo de educação sempre está relacionado a um bom texto, eles tem visto que é necessário se aprofundar mais nas produções.

A postura do professor nessa situação é bastante democrática, conversando com o aluno, mostrando a necessidade do acolhimento ao que é ensinado. É preciso um esforço maior por parte deles, para que aconteça de fato a aprendizagem. Sem a busca, a vontade e o esforço, não há aprendizado.

Será que com toda essa preocupação, dedicação que tenho devotado aos meus alunos ainda é pouco para que cheguem a atingir o letramento de qualidade? O que ainda posso fazer para despertar neles essa vontade, esse prazer em ler e escrever?

A minha aspiração para com os meus alunos é vê-los apaixonados pelo ato de ler, é fazê-los “brincar com as palavras” no sentido de produzir e ganhar conhecimento. Que seja para eles um doce prazer.

2.2 Leitura Diversificada: Um Doce Prazer

A leitura é uma prática essencial, que faz o ser humano despertar o desenvolvimento cognitivo para poder trilhar novos caminhos, abrindo as portas para intelectualidade através da satisfação proporcionada por essa prática.

“Ler é sempre uma forma de viajar, quer o mediador da viagem seja um livro, uma revista, o ecrã de um computador ou de um telemóvel. O passaporte exigido para essa viagem chama-se aprender a ler.”
Sim-Sim (2009, p.7).

Há uma preocupação muito grande no que diz respeito à leitura na escola hoje em dia. Mas, voltando ao passado, pode-se perceber como a educação foi omissa com essa prática, desde longas datas com a colonização do Brasil. A política da época não privilegiou a educação, nem tão pouco formou leitores no passado, ela visava o bem estar da elite, poucos foram os que conseguiram concluir o 2º grau, ou melhor, passar pelo “funil” do governo português, com a chamada educação jesuítica. Esta era voltada para a instrução intelectual humanística e literária tendo como objetivo a ocupação de cargos administrativos e hierárquicos do governo.

Essa discriminação sócio educacional veio contribuir para aumentar um abismo entre letrados e não-letrados, mostrando a força intelectual de uns (filhos dos colonizadores) e a força braçal de outros (índios, mestiços e negros). Salientando que as mulheres ficavam classificadas como não-letradas.

No meado do século XVIII, o Marquês de Pombal reforma essa lei, expulsando a Companhia de Jesus, criando o ensino público financiado pelo Estado. Formando aí, indivíduos para o Estado e não mais para a Igreja. Nesta época abrem-se as portas para um grupo maior, mesmo assim nem todos tinham acesso à instrução. Mais tarde em 1960, a necessidade de mão-de-obra qualificada, muda novamente o cenário na lei, dando oportunidade aos trabalhadores de se aperfeiçoarem.

Com essa trajetória é importante ressaltar que a educação passou por percalços, deixando marcas profundas, no que se pode chamar de “caos educativo”.

Segundo Magnani (2001), a leitura e a literatura estão entrelaçados necessitando um do outro não de forma punitiva, mas de forma prazerosa para se chegar a um conhecimento intelectual, e a escola tem um papel fundamental de orientar o educando a buscar de forma mais satisfatória para o seu bem estar.

Tratar de leitura e literatura é tratar de um fenômeno social que envolve as condições de emergência e utilização de determinados escritos, em determinada época; é pensá-las do ponto de vista de seu funcionamento sócio histórico, antes e para além de platônico e redutores juízos de valor. E tratar em formação do gosto é retomar as relações entre leitura, literatura e escola do ponto de vista das possibilidades políticas do movimento no sentido de desestabilização da dicotomia entre prazer e saber. (MAGNANI, 2001, p. 43).

Nota-se, assim, que a leitura perpassa por vários sentidos contribuindo para a construção de diversos textos, e se faz necessário empregar esses conhecimentos na aprendizagem cada vez mais consciente da leitura e da escrita, pois nossa sociedade vive momento paradoxal do ponto de vista da aprendizagem. Por isso, para formar bons leitores, é preciso que este seja apaixonado pela leitura e que desperte em si o desejo e a satisfação pelo ato de ler.

Kleiman (2013) confirma o pensamento do autor francês Bellenger:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, despertar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam)... Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER, 1998, p. 17, apud KLEIMAN, 2013, P.22).

Bellenger (1998), vem afirmar que a leitura proposta pela escola muitas vezes não tem sentido relevante da leitura descrita por ele, no sentido do prazer, do desejo. Poucos são os alunos que se dispõem a ler em sala de aula, pois não são atraídos com textos didáticos, e em meio as conversar e inquietação da turma, não se internalizam, isto é, não conseguem concentrar a atenção no texto apresentado pelo professor. Vale ressaltar que há professores que não tem essa familiaridade com a leitura, e dessa forma não passa nenhuma segurança, estímulo, paixão para seus alunos.

O mais importante ainda é que, haja “sedução” do professor para com a turma, fazendo despertar em todos à vontade de participar do processo ensino aprendizagem, tendo como principal fator de sucesso: o desejo de ensinar do “professor”. Mas, infelizmente não vemos o processo como deveria ser, aprender por prazer e não forçado. A grande maioria dos professores utiliza a leitura de forma obrigatória e sabemos que dessa forma, até então, não tem trazido bons resultados,

pois falta o apaixonar-se, o querer, o amor para chegar a esse encantamento do desabrochar pela leitura.

Dessa forma, o professor que adquire a prática da leitura, mergulhando no mundo encantado desta, possibilitará um trabalho “vivo”, pois deve despertar esse mesmo prazer eficaz no aluno, sobressaindo acima de tudo o seu desenvolvimento intelectual.

O mundo da leitura tem muitas facetas. O indivíduo hoje ler por diversos motivos: lê-se para ampliar seus conhecimentos; para melhorar a sua forma de expressar-se; para obter informações simples e complexas; para espairer depois de um dia tumultuado, em busca de prazer; na necessidade de prestar a concurso e vestibular, enfim, são diversos os motivos que o ser humano procura para viajar no mundo da leitura, desde o modo tradicional através de livros, bem como nos modelos modernos através de celular, notebook, e-book e tablete. Mas, o instrumento usado é o que pouco interessa para quem tem vontade e prazer de ler, o importante é mergulhar nesse mundo fantástico da leitura e compreensão do texto lido.

Além dos instrumentos como são apresentados na leitura, é interessante valorizar os diversos gêneros textuais usados para facilitar uma boa leitura como: cartas, poemas, jornais, revistas, piadas, quadrinhas, charge, textos científicos, históricos, religiosos e clássicos, pois, é função primordial da escola ensinar a ler, escrever e interpretar com prazer, já que a família não o faz.

Cabe, então ao professor, restabelecer novos caminhos, ampliando ou encurtando-os em razão da realidade escolar vivida, bem como dos projetos construídos, visando um melhor desempenho nas atividades de leitura, escrita e interpretação.

Segundo Kleiman (1989, p.7), “a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura”. Pois, a instituição visa através dos seus esforços, a maior e mais importante forma de escolarização por meio da construção e desconstrução da linguagem do leitor.

É muito engraçado quando a criança está no processo de aprendizagem ou desenvolvendo a leitura que ela usa a imagem, gravura, para decodificar a leitura “ler” o que a imagem determina ou o que o seu conhecimento já tem formado. Por exemplo, a criança que ver a imagem e a escrita de uma jaqueta, onde ela soletra JA - QUE - TA e pronuncia CAPOTE, pois no seu dia-a-dia ela convive com todos falando capote, sendo que a palavra jaqueta não tem significado concreto para ela. São vários casos

que percebemos neste sentido, eles não tem a compreensão do soletrar corretamente, a imagem é mais significativa, fazendo a relação com a palavra que é mais frequente no seu cotidiano.

Assim, ressalta Kleiman (1989) nos seus estudos sobre a compreensão de textos:

A descrição e análise da compreensão do texto escrito que aqui fazemos, tem dois objetivos: por um lado, oferecer subsídios aos interessados na leitura e na formação de leitores, pois, acreditamos que o desvendamento do processo torna possível o planejamento de medidas de ensino adequado, de base informada bem fundamentadas; por outro lado, e como um passo decorrente do primeiro objetivo visamos o aprimoramento da própria capacidade de leitura do leitor deste livro, pois ao tornarmos o processo conhecido estaremos construindo as bases para uma atividade de metacognição, isto é, de reflexão sobre o próprio saber, o que pode tornar esse saber mais acessível a mudanças. (KLEIMAN, 1989, p. 9).

Vale afirmar que a criança precisa do apoio e incentivo, tanto do professor como da família, para poder desenvolver a sua habilidade leitora desde as séries iniciais, pois, necessita de uma base textual sólida pautada na materialização de significados de objetos coerentes. E partindo dessa consciência, o educando perceberá que é preciso identificar o sinal gráfico (letra), para decodificar a palavra, fazendo uma relação imagem/palavra corretamente.

Em função disso, nessas etapas iniciais, a compreensão não acontece necessariamente no ato de ler, mas sim, durante a realização da atividade, partindo das propostas feitas pelo professor, para que haja a construção do saber por meio do que foi lido e compreendido em relação ao texto aplicado.

A autora considera um ponto negativo as leituras iniciais do curso de alfabetização, visando o letramento, partindo de textos desconexos como leituras formadas das famílias silábicas: “Dói o dedo do Dudu”. Tentando fixar ou que a criança se familiarize com as sílabas DA – DE – DI – DO – DU- DÃO. Mas, faz-se necessário a silabação para o conhecimento das palavras. No entanto, poderemos buscar formas que sejam menos “ofensivas” para despertar na criança de hoje excelentes leitores amanhã. Esse método é conhecido como análise-síntese ou da palavra geradora.

Segundo Telma Weisz (2006), o professor pode criar condições para que o aluno exerça a sua ação de aprendizagem:

[...] Se o que pretendia era que aprendesse sobre o sistema de escrita, devo entender que para escrever muleci ele usou inúmeros conhecimentos que já tem sobre esse sistema em português. Revelou saber, por exemplo, que escrevemos com letras, que essas letras representam sons, que não é qualquer letra que representa qualquer som... E que, provavelmente pela sua experiência de empregar o “c” para escrever casa, cavalo, considerou que a mesma letra serviria para o que de moleque, o que tem muita lógica, embora não coincida com a escrita convencional da palavra. (WEISZ, 2006, p.23).

Assim, percebemos que o aluno traz consigo um saber, o qual precisa ser aprofundado através de esclarecimentos e aprendizagem como foi o caso da palavra “muleci”, ele já sabe o significado, sabe pronunciar, mas não tem o conhecimento da silabação que gera a palavra moleque, isto porque falta o conhecimento da ortografia.

Com isso, não vale só a intuição de que se sabe oralmente, ou melhor a grande parte dos nossos alunos reproduzem na escrita o que eles falam e ouvem, daí a dificuldade, isto é o resultado de uma má alfabetização, não foi trabalhada essa complexidade de sons e escrita com a criança, ou esta ainda não domina a esse saber.

Para Kleiman (2013), existem determinadas práticas que prejudicam o aprendizado do aluno:

As práticas desmotivadora, perversas até, pelas consequências nefastas... Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar, português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola. É dessa legitimidade que se deriva um dos aspectos mais nefastos das práticas limitadoras que discutiremos: elas são perpetuadas não só dentro da escola, o que seria de se esperar, mas também funcionam como o mecanismo mais poderoso para a exclusão fora da escola. (KLEIMAN, 2013, p. 23).

O ponto que dificulta o trabalho do professor é a resistência do aluno e também por parte dos pais, quando este propõe um trabalho de leitura e interpretação e que o aluno cobra a parte morfológica e sintática no texto, ou vice-versa, na realidade nunca o trabalho é feito com satisfação, sempre surgem às críticas. Pois se o aluno consegue aprender, o mérito é dele, nunca do professor e da escola, claro que se ele se esforça, não podemos anular o seu mérito, sem esquecer a dedicação e comprometimento do seu formador também.

Quanto à forma de aprendizagem no letramento, é imprescindível que os pais interajam com a escola para que o trabalho flua, tem que ter consonância por parte

de ambos, pois, tenho como exemplo um colega com sua filha na alfabetização, onde a professora ensinava de uma forma e em casa ela fazia de forma diferente, o que levou a um desentendimento na forma de ensinar, atrapalhando o desenvolvimento da criança. O problema foi percebido, e numa conversa ela explicou como ensinava a filha a soletrar e procurou a escola para aprender junto e ajudar a desfazer toda aquela situação, que já mostrava indícios de dificuldade para a criança.

Como é prazeroso você observar que o aluno começa a “engatinhar”, soletrando e lendo as primeiras palavras, e ao descobrir que conseguiu, como “passe de mágica”, as palavras fluem de seus lábios e tudo é motivo de alegria e muita leitura, não deixando passar um só letreiro, propagandas, livros que ela treina a todo tempo, juntando as letras e articulando as palavras através da leitura. É um verdadeiro encantamento.

Como afirma KLEIMAN (2013):

... acreditamos como Vygotsky e pedagogos neovygotskianos, que a aprendizagem é constituída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos em comuns. Como, no caso, trata-se de aprender a ler no sentido cabal da palavra (em que ler não é o equivalente a decifrar ou decodificar) a aprendizagem que se dará nessa interação, consiste na leitura com compreensão. (KLEIMAN, 2013, p.12).

Podemos compreender, com base na autora, que somos seres inteligíveis, abertos a qualquer tipo de aprendizagem, e esta se constitui por meio da interação com o outro e da troca de experiências vivenciadas coletivamente. Vale ressaltar que o professor precisa, primeiro ser apaixonado e gostar de ler, pois, a sua fascinação pela leitura, chamará a atenção daqueles que ao ouvir falar ou ouvi-lo lendo, certamente se encantarão com o que ouvem e veem.

Me recordo de um professora, que no ato de ensinar e contar poemas e histórias, seu semblante transfigurava, a emoção era tamanha que contagiava a turma, daí me senti mais firme para buscar através dos livros o conhecimento, essa fascinação, o encantamento no decurso da leitura.

2.3 A informação da Leitura: Necessidade Básica ou Obrigação?

Poucas são as pessoas que fazem da leitura um bálsamo para sua vida, se refugiam com o ato de ler, e isso só se dá a partir de experimentos, de um

aprendizado. Os alunos têm essa dificuldade de vivenciar a leitura, pois, não foram acostumados, nem educados com esse método que desperta satisfação. Muito pelo contrário, a escola forçava, tornando difícil o entendimento e o gosto pela leitura, por isso, que o aluno vê o ato de ler como obrigação, como punição, e não como descontração, instrução e prazer.

A meta maior da escola é preparar seus alunos para a vida adulta posterior, para poder alcançar um mercado de trabalho compatível ao seu desempenho escolar, onde a linguagem ocupa esse papel central, pois faz parte de tudo que acontece ao seu redor. Visando-se resultados promissores no campo da leitura, no processo de aquisição de novos conhecimentos do aluno, o presente trabalho versará sobre a prática e o prazer na leitura.

De acordo com YUNES (2002):

Ler é um ato homólogo ao de pensar, só que com uma exigência de maior complexidade, de formar crítica e desautomatizada. Quem não sabe pensar, mal fala, nada escreve e pouco lê. Então vemos que podemos expressar nossos sentimentos, conhecer diferentes pontos de vista e aprender valores e normas, favorecendo uma aprendizagem cada vez mais consciente, onde se faz necessário ampliar as possibilidades de leitura. (YUNES, 2002, p. 107).

Regina Ziberman (1995), também se preocupa com o desenvolvimento intelectual do aluno, voltado não apenas para o campo educacional, mas, num campo vasto:

No campo das ciências humanas voltadas às manifestações verbais, constata-se diferentes teorias relativas à natureza da leitura, orientadas algumas para a discussão dos modos como se dá a aquisição da linguagem pelo falante e pelo leitor... (ZIBERMAN, 1995, p.15 e 16).

Às vezes a leitura é um ato de obrigação, pois o aluno não está pronto a fazer uma leitura analítica isto é, leitura minuciosa, completa para o entendimento. No ato de compreender na íntegra o que o autor quer dizer, faz com que muitos professores critiquem a resposta do aluno, ou melhor, quer que o aluno diga o que o autor pensou, sentiu no momento que compôs o texto.

Nesse discurso, entende-se que ninguém é adivinha para decifrar algo que alguém pensou há muito tempo atrás. Por essa exigência, o leitor se inibe e não aceita fazer, por medo da represália e críticas dos colegas ou do orientador. O educador

precisa orientar o seu aluno a ler e entender o texto, fazendo críticas ao que foi lido e dito no contexto, ele precisa buscar através das entrelinhas respostas para os seus questionamentos no texto.

Esse é o papel do professor, quebrar as primeiras barreiras, negociando com o aluno, tentando eliminar as resistências mantidas no ato da leitura. É interessante também, que o mediador se auto avalie, revendo os seus conceitos quanto à leitura, a interpretação pronta e escolha de textos para seus alunos.

Lajolo chama atenção quanto às metodologias adotadas:

Se algumas metodologias e estratégias propostas para o desenvolvimento da leitura parecem enganosas por trilharem caminhos equivocados, o engano instaura-se no começo do caminho, a partir do diagnóstico do declínio ou da inexistência do hábito de leitura entre jovens. Espartilhada em hábito, a leitura torna-se possível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação, só para citar áreas na qual o termo hábito é pertinente... (LAJOLO, 2001, p.107 e 108).

É sabido que a leitura não se desenvolve num ato solitário; ela interage verbalmente entre indivíduos, e indivíduos socialmente decididos, como é o caso da interação do leitor, com seu universo, seu lugar na estrutura social, com o mundo com os outros e com o autor.

Sendo assim, no campo de ensino aprendizagem da prática da leitura, o reconhecimento da leitura verbal, visual e escrita, por parte do aluno, amplia sua compreensão da realidade, apontando-lhe formas concretas de participação social como cidadão.

Quando Orlandi (1988, p. 23), fala da leitura, diz que está se referindo” a uma prática visceralmente impregnada de linguagem, e quando fala em leitor, está mobilizando uma concepção de sujeito que é simultaneamente afetado por processos ideológicos e inconscientes”. Nesse sentido é que se entende que toda leitura e todo leitor têm suas histórias.

Dessa forma, deve-se interagir textos relacionados à vivência do cotidiano do aluno, possibilitando outros processos de produção de sentidos, promovendo, desse modo, novos gestos de significação na leitura.

É interessante o trabalho realizado no livro *Este seu olhar*, de Regina Zilberman, editado pela Editora Moderna em 2007, tem a participação de várias pessoas como dramaturgo, jornalistas, escritores, filósofos e outros, contando um

pouco da sua vida e da impressão na foto apresentada. A autora relata uma forma de leitura interessante e que nos dá uma boa ideia para trabalharmos com os nossos alunos a produção de relatos a partir de uma fotografia de estimação, fazendo despertar no aluno tanto a escrita como a leitura.

O meu anseio é que os alunos façam uma leitura num sentido mais amplo, enriquecida pelas discussões, onde certamente constituirá um aumento significativo de informações e motivações enquanto leitor e não um amontoado de informações obrigadas para se cumprir uma prática. Cabe ao professor variar ao máximo as estratégias na exploração do livro, de textos a serem lidos, desenvolvendo assim a capacidade do aluno na compreensão dos textos lidos, promovendo o seu potencial expressivo enquanto leitor, daí a leitura colaborará para o desafio de novas aprendizagens.

2.4 Leitura como Instrumento Necessário para a Realização de Novas Aprendizagens

Para Cool (1988), os bons leitores não são apenas os que compreendem mais e melhor os textos que leem, mas os que sentem prazer e gosto pela leitura.

O leitor que se interessa, que é apaixonado pela leitura, que a faz com maior dedicação, com prazer, este é considerado excelente leitor, mesmo sem ter a aptidão de compreendê-lo com todo o rigor, interpretá-lo ao “pé da letra”.

Como afirma Solé (in: 1998, p. 22) a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura. Assim, por um lado o leitor é considerado ativo quando assume o seu papel de leituras diárias constantes, onde o mesmo examina e mergulha por águas serenas, para facilitar o seu aprendizado, preencher o seu momento de prazer desfrutando da imensa satisfação em poder “degustar” um bom livro, uma boa literatura.

É interessante observar que leitores diferentes conseguem captar informações distintas de um mesmo texto, mesmo tendo olhares diferentes. E é nessa situação que percebemos que o ato de ler é um processo interativo, pois, no momento da partilha em sala de aula, através da conversação, acontece à interação, a troca de saberes.

Com isso, o processo de leitura deve assegurar que o leitor compreenda o texto e que possa ir construindo uma ideia sobre o conteúdo, extraíndo dele o que lhe for pertinente em função dos seus objetivos.

Há uma grande preocupação da escola com relação à cobrança da leitura em sala de aula, porque os alunos precisam ler e interpretar corretamente, como ressalta Solé (1998, p.32), pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. E já é sabido por todos que o jovem que não tem habilidades na leitura e na escrita, não consegue emprego convencional.

Dados estatísticos de 2007 a 2013, constatam que há mais de 8 milhões de analfabetos no Brasil entre a faixa etária dos 15 anos a mais. Ainda é muito alta a taxa de analfabetismo no país, visto que tem se trabalhado e capacitado muitos profissionais, porém falta ainda conscientização por parte de diversos jovens e pais, para se estudar e colocar os filhos na escola na idade correta. Sem contar com o analfabeto funcional, que aumenta muito esse número citado, isto é, são pessoas que já frequentaram a escola, mas não conseguem ler e escrever fluentemente, muito menos interpretar nas suas relações sociais.

A questão citada é muito mais séria do que se imagina. Assim podemos inferir com Solé:

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura da forma como é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorece-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. (Ibid. 1998, p.33).

Com toda experiência que se tem sobre leitura em sala de aula, é interessante lembrar que o aluno por mais que trabalhe com textos, conscientizando-se da necessidade em fazer uma boa leitura, da busca de métodos e dinâmicas para trazer o incentivo à leitura, mesmo assim, ainda falta algo, pois a maioria dos alunos não se preocupa, nem disponibiliza tempo para essa atividade, bem poucos vão à procura de conhecimentos, de aprimorar sua leitura, pois a cobrança ainda é feita com sentido de obrigação, de decodificação.

O Ensino Fundamental II cobra com muita insistência, o que não foi incentivado e aprimorado desde os anos iniciais, para que o aluno se familiarizasse com o processo da leitura. Essa cobrança é maior ainda no Ensino Médio, onde a

necessidade de mostrar os índices de desenvolvimento escolar, a qualidade do ensino através do conhecimento do aluno, que de certa forma pode-se medir pela boa leitura e interpretação, se reforça nessa série para chegar ao conhecimento.

É imprescindível que o aluno do Ensino Médio tenha conhecimento do que vai ler, para que vai lhe servir, assim, este terá condição de refazer a sua leitura com mais habilidade e destreza para conquistar o conhecimento, como afirma Solé:

Ler é compreender e que compreender é sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. (Ibid, 1998, p. 44).

Disso decorre que é indispensável que o leitor encontre sentido no fato de executar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e saiba qual o objetivo que estará buscando ao realizar tal atividade. Outro ponto fundamental é o seu conhecimento prévio, pois ele obterá com mais facilidade para a conclusão dos seus pensamentos em relação a interpretação feita como coerência e clareza. Daí, ele tendo acesso ao código e inserindo sempre em contextos significativos, possuirá conhecimentos pertinentes à leitura, sabendo o que está escrito e compreendendo o que está lendo. Pois o processo de alfabetização perpassa não só pela leitura e escrita bem como o escutar, falar, ler e escrever partindo de uma consciência metalinguística.

O aprendizado é muito complexo, pois há crianças que com um esforço dos pais, ajudando, orientando quando criancinha de meses e/ou de ano, trabalhando com elas com réalias, gravuras, jogos, alfabeto, palavras, esta tem a facilidade e desenvolve a leitura e escrita mais rápido, enquanto existem outras que os pais não se preocupam em familiarizar as letras e os livros. Assim, quando chegam na fase de iniciar o processo de alfabetização, ir para a escola, sentem dificuldade. É fundamental a ajuda e orientação dos pais, para que a criança seja incentivada no processo de apaixonar se com as letras desde cedo.

2.5 A Relação Leitura-Escrita para um Bom Desempenho Escolar

Esse breve passeio pelo estudo da escrita e leitura na antiguidade nos mostra como foi de fundamental importância para alcançarmos a aprendizagem nos dias atuais.

[...] O mundo grego ampliou a importância do ofício de escrever, e vem de lá os primeiros autores registrados na história ocidental. Poetas, filósofos e cientistas como Homero, Platão, Arquimedes e Heródoto, porque se valeram do trabalho de escribas, a partir de certo ponto de sua trajetória, tiveram sua produção intelectual confiada a algo mais material e permanente que a fala... (LAJOLO e ZILBERMAN, 2001, p. 25).

Nos anos 80, pesquisadores chegaram à conclusão que a leitura e a escrita relacionadas são fundamentais para se alcançar o índice de qualidade escolar através das habilidades, do processo cognitivo e das formas de aprendizagem. Ainda destacaram uma alta correlação entre os bons leitores e os bons escritores, analisando que a leitura e a escrita se complementam num processo interativo. Nesse sentido, entende-se que os melhores escritores leem mais e os melhores leitores escrevem simultaneamente correto e suas experiências com a leitura levam-no a alcançar um grau elevado pautado na gramática.

Para desenvolver as duas práticas, nada melhor que a sala de aula, sendo esta, um lugar favorável, estimulante e aconchegante. Em função disso, Possenti (1996), em seu livro *Por que (não) ensinar gramática na escola*, adverte-nos que:

Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atividade de vida, mas atividades essenciais ao ensino da língua. Portanto, seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a própria sala de aula. (POSSENTI, 1996, p. 16).

Assim sendo, salientamos que o professor deve planejar as atividades a serem trabalhadas em sala de aula, no caso da leitura e da escrita. É preciso uma mudança de postura, uma mudança na sua prática, pois ele é o elemento mais capaz de desencadear este processo.

O professor está tão acostumado a questionar o desempenho do aluno que esquece de refletir sobre si. Enumeram várias razões para o fraco desempenho do educando como: não sabem as regras de concordância, não sabem escrever corretamente nem querem ler, não copiam o que é ditado corretamente, não interpretam o que ler, estão cada dia piores. E o que estamos fazendo para melhorar? Damos exemplos de leituras constantes? Somos perseverantes no estudo? Criamos maneiras mais fáceis de apresentar os conteúdos? Incentivamos a leitura em sala de aula, ou continuamos insistindo nos métodos tradicionais de ensinar as regras gramaticais? Continuamos sendo autoritários para que nos respeitem e façam as

atividades? Agimos com “terrorismo” para que o aluno estude, pois as provas estão próximas? Com tantos questionamentos o que podemos fazer para mudar a nossa prática educativa? Cabe a nós uma reflexão sobre o assunto.

Tais afirmações vêm de encontro ao que Possenti (1996) alerta com relação ao a qualidade de ensino:

Alguns dos problemas que levam ao fracasso têm a ver com a forma como se concebem a função e as estratégias do ensino de língua. A única opção de uma escola comprometida com melhoria da qualidade do ensino está entre ensinar ou deixar aprender... Qualquer outra implica em conformar-se com o fracasso ou, pior, em atribuí-lo exclusivamente aos alunos. (Ibid. 1996, p. 17).

A escola verdadeiramente comprometida com a educação tem que buscar em concordância com o corpo docente para que possa reverter o quadro de fracasso em que se encontra a instituição. Uma liberdade que possa fluir bons frutos, render resultados favoráveis a educação. Como por exemplo, o professor através da observação e conversa com o aluno deverá valorizar e explorar mais o aluno através da sua interação com o texto já conhecido por este. Assim, ele se sentirá útil fazendo parte do processo educativo, facilitando o entrosamento com o professor e o seu desenvolvimento intelectual, tanto com a leitura, quanto com a escrita. O afeto é a forma que se pode alcançar um bom resultado.

A leitura tem que perpassar pelo crivo do prazer, e para alcançar esse sentimento nos alunos é preciso uma dose muito forte de afeto, atenção e comprometimento na prática pedagógica. Utilizando essas estratégias de leitura, o caminho torna-se mais fácil e aprazível. Partindo dessas estratégias as aulas serão bem melhores e interessantes e surtirão com certeza, um efeito mágico, daí todos os problemas se afastarão e a leitura possibilitará ao aluno estruturar seu vocabulário com maior desenvoltura, coerência e coesão. Assim teremos aulas motivadoras, alunos envolvidos no processo educativo e boa qualidade de ensino.

Para Luckesi (2003, p. 119), “[...] a leitura, para atender o seu pleno sentido e significado, deve, intencionalmente, referir-se à realidade. Caso contrário, ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos”. Logo, todo o ser humano é capaz de ler e lê efetivamente. Tanto lê o conhecedor dos signos linguísticos/gramaticais, quanto o camponês, “não letrado”, que, observando a natureza, prevê o sol ou a chuva, partindo da sua realidade e vivencia com a mesma.

Dessa forma, não é correto pensar que para se fazer uma boa leitura precisamente, o aluno terá que interpretar, compreender ou entender e repetir o texto lido. Isso são requisitos da proposta escolar, no entanto isso entedia o educando, pois nem sempre lhe é dado um texto propício ao seu gosto e/ou nem sempre ele está disponível a fazê-lo.

É interessante que o professor proporcione momentos lúdicos e prazerosos em sala de aula para se trabalhar com leitura, não precisamente o estudo de textos com cobranças como sempre é feito. Acredito que dessa forma surgirá mais efeito e a participação será mais ativa.

Vale salientar que as aulas não deverão ser um momento de martírio para o aluno e sim de alegria, prazer e afeto, assim o trabalho surtirá efeito. Essa afirmação coaduna com o pensamento de Wallon (2007) quando destaca que a afetividade é fundamental na “construção do conhecimento e da pessoa”. O emocional supera os recursos cognitivos. Se o aluno está bem, sentindo-se seguro e emocionalmente controlado, a sua capacidade de criação, aprendizado é bem maior, havendo aí, uma maturidade leitora, isto é uma intimidade com o ato de ler.

A partir dessa reflexão, podemos complementar com o pensamento de Lajolo (1982, p 53),” Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão do livros, das gentes e da vida”.

E partindo dessa leitura madura de um texto em busca de uma compreensão de mundo, onde o leitor precisa se auto avaliar, analisando qual a sua postura ante o texto lido, relacionada a uma possível interlocução, podemos ver a leitura como:

- A leitura – busca de informações;
- A leitura – estudo de texto;
- A leitura do texto – pretexto;
- A leitura – fruição do texto.

Nessa perspectiva, o leitor pode definir múltiplas relações com suas leituras, partindo do conhecimento prévio ativado na mesma. Com esse vínculo, ele estará apto a desenvolver o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, através da construção e inferências no texto. E partindo dessa premissa, é que se pode afirmar que sem esse engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão do que foi lido, e assim, continuará uma lacuna aberta onde a leitura proporcionaria uma apreensão e construção de significados.

Segundo André (1996), o leitor precisa se interessar pela leitura para conseguir bons resultados:

“Ler é a apropriação, pelo leitor, de uma mensagem à luz dos seus interesses de momento e das suas vivências mais recentes e transformar essa mensagem numa respostas aos anseios pessoais.” (André, 1996, p.22).

Para se obter um bom desempenho escolar com a leitura e escrita, é necessário que o leitor se interesse pelo tema e use o seu conhecimento prévio entrosado com texto/autor, através de troca de saberes e inferência no contexto lido, assim, surgirá novos conhecimentos linguísticos.

Segundo Freire (1987):

“Os oprimidos, que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que ‘preenchessem’ o ‘vazio’ deixado pela expulsão, com outro ‘conteúdo’ – o de sua autonomia”. (FREIRE, 1987, p. 18).

A partir desses levantamentos, cabe-nos avaliar a nossa prática e entender que alguns alunos conseguiram superar o medo e a timidez quanto ao processo da leitura, foi um processo árduo mas, com experiências exitosas. Porém, para outros, não conseguimos modificar essa postura, ainda existem aqueles que não conseguem se desvencilhar dessas características que em determinado momento atrapalham a sua aprendizagem.

É preciso ressaltar também que o professor precisa se dispor mais, utilizando métodos mais atrativos, que despertem no aluno o prazer em participar e se envolver nas atividades propostas, para que seus objetivos sejam alcançados.

Portanto, para se alçar voos mais altos e mergulhar num mundo fantástico da leitura, é preciso libertar-se das amarras daqueles que querem a opressão, o desencanto e o analfabetismo que exclui o ser humano do convívio social.

CAPÍTULO III

3 ESTUDO DE CASOS: LEITURA NO COLÉGIO ESTADUAL VALMIR OLIVEIRA GOMES

3.1 Sujeitos da Pesquisa

A turma a qual me propus fazer a pesquisa contém 40 alunos, adolescentes e adultos na faixa etária de 10 a 45 anos. É distribuída com os alunos do Ensino Fundamental II do 6º Ano e 8ª série do turno vespertino e do Ensino Médio do 2º Ano e 3º Ano do turno noturno, onde percebemos algumas dificuldades tanto na leitura quanto na produção textual.

Uma parte desses alunos é da zona rural e outra parte é da cidade. Tendo um padrão de vida o nível médio baixo, o que deduz a falta de vivência constante com a leitura para a maioria.

3.2 Técnica de Coleta de Dados

O bom andamento deste trabalho só aconteceu mediante resultados comprobatórios através da busca de materiais e métodos utilizados no decorrer do processo de construção dessa dissertação.

Para Minayo (1994, p. 21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, com as ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Foi através desse instrumento de investigação qualitativa que dispusemos de dados para uma melhor compreensão particular e profunda, onde coletamos as informações por meio de questionário com questões abertas e de múltipla escolha aplicado com os alunos do 6º Ano, 8ª Série do Ensino Fundamental e o 3º Ano do Ensino Médio, utilizando a investigação empírica apresentada com grande precisão dando-nos suporte para concluirmos este trabalho. Para tanto dispomos de perguntas estruturadas e semiestruturadas referentes à leitura. Este material nos auxiliará na conclusão e conformação dos índices que dificultam e habilitam os alunos nesse processo de leitura, através das respostas apresentadas.

De acordo com Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência”. E com base nessa afirmativa é que utilizamos a pesquisa descritiva, pois descrevemos sobre a temática Leitura: Uma viagem encantada no mundo multidisciplinar da educação, valendo do processo dialético de conhecimento da realidade, não só como forma de crítica pela crítica e sim para despertar o conhecimento crítico e daí alterar e transformar a realidade anterior.

Segundo Gil (2002), a pesquisa explicativa tem:

Como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (GIL, 2002, p. 42).

Nesse sentido, é com essa preocupação que utilizamos a pesquisa explicativa, tentando explicar como tem acontecido a leitura em sala de aula com esses alunos, servindo de base para embasar esse estudo.

Com base em Xavier (2010), a pesquisa bibliográfica é:

Aquela forma de investigação cuja resposta é buscada em informações contidas em material gráfico, sonoro ou digital estocados em bibliotecas reais e virtuais. O pesquisador faz um letramento de trabalho já realizado sobre um determinado tema e cataloga-os a fim de rever, reanalisar, reinterpretar e criticar procedimentos técnicos e pontos de vista teóricos considerados pelo autor da pesquisa já “envelhecidos” ou ineficientes. (XAVIER, 2010, p. 48).

A pesquisa bibliográfica foi outro recurso usado para dar suporte ao trabalho, baseada nos estudos de diversos autores específico da área, além de jornais, revistas, rede eletrônica, para disponibilizar material acessível ao tema.

“Nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar um problema da vida prática”. (MINAYO, 1994. p. 17). E para se resolver esses problemas intelectualmente é preciso encontrar soluções através de estudos e observações do dia-a-dia, questionando a cada situação.

A ideia geral é pelo resultado de nossa pesquisa, analisar a formação de alunos-leitores motivados pela nossa prática pedagógica e planejamento; analisar e mapear o processo de leitura e escrita pelo prazer e incentivo que possa conferir um

grau de leitores competentes que buscam no livro uma fonte de saber aliada a inesgotável multiplicidade de possibilidades que a leitura proporciona, e mais ainda, sem que a prática de leitura seja uma obrigação e uma atividade sem êxito para os alunos.

Portanto, para resolvermos qualquer questão de ordem política, social ou cultural, temos que mergulhar em questionamentos. Nesse sentido, para solucionarmos a questão temos que pesquisar as causas que levaram a tal situação. Por isso é que embasamos esse trabalho acadêmico pesquisando e questionando para encontrar uma solução para este problema.

3.3 Análise e Discussão dos Dados

A proposta é sem dúvida audaciosa, pois, visa informar a qualidade da leitura em sala de aula. E foi através da observação, que permitiu que eu percebesse a insatisfação dos profissionais em educação quanto à leitura e produção textual. Os alunos ainda não estão preparados psicologicamente, por não terem tido a experiência com o ato de ler nas séries iniciais, nem tampouco nas suas famílias, e, no entanto, também não foram preparados para assumirem a responsabilidade por si só, fazer leituras e assimilarem os textos, não foram habituados a manterem essa rotina de leituras prazerosas, e muitas vezes criaram traumas, pois, a maioria de seus professores castigavam, obrigando-os a fazerem leituras indesejadas.

E é nesse intuito que queremos apresentar o resultado da coleta de dados desse trabalho dissertativo feito no Colégio Estadual Valmir Oliveira Gomes, com os alunos do 6º ano e 8ª série do Ensino Fundamental e o 2º ano e 3º ano do Ensino Médio, onde analisaremos de forma textual, por porcentagem, as respostas com base a cada questionamento feito. As respostas serão apresentadas de maneira fiel ao questionário. Os entrevistados serão identificados como “Participante 1” e sequenciado para efeito de comprovação e discussão das mesmas.

Usando como temática Leitura: uma viagem encantada no mundo multidisciplinar da educação, iniciamos o questionamento com os alunos onde pudemos catalogar que 40% dos alunos assinalaram que **a leitura é fonte de informação**, sendo que justificaram da seguinte forma: os alunos responderam que “é a maneira de aprendermos melhor de se desenvolver intelectualmente”, (respostas dos participantes 1, 3, 4, 6, 7, 9,11,12).

Assim,” o direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir” (BAMBERGER,2002 p. 9); Já os participantes 14, 15, 18,19 disseram que: “Eu gosto de ler a Bíblia na hora do almoço”. A leitura religiosa também é fonte de informação, busca de realizações através das experiências do antepassado; os participantes 20, 22, 24, 26 disseram que:” A leitura é informação. É através dela que podemos abrir os horizontes do conhecimento”. A consciência de que é pela leitura que os conhecimentos fluem; os participantes 2, 5, 16 justificaram: “Que a leitura sendo informação ajudará a conseguir emprego”. Estes colocam a leitura como algo importante na carreira profissional; os participantes 8, 10, 14,18, 20 explicaram que “através da leitura eles podem se expressar melhor”. Por essa razão “a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem” (BAMBERGER, 2002, p.10); já os participantes 13, 17, 21, 23 justificaram que” lendo compreenderiam o mundo melhor”.

Dessa forma, “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático de linguagem e da personalidade”. (BAMBERGER, 2002, p. 10); os participantes 27, 29, 30, 32, disseram que” se não fosse a leitura a gente não pode ver”. Eles usam a leitura como algo que se possa pressentir, ver além do horizonte do intelecto; os participantes 33, 34, 35, 36, justificaram que “precisamos de informações para a vida”.

O nosso dia-a-dia é muito conturbado, é preciso conhecer melhor o mundo através de questionamentos e leituras diversas para poder derrubar os obstáculos que temos a enfrentar; e os participantes 37, 38, 39 e 40 confirmaram que “para aprender é preciso ler mais e escrever mais”. Para aprender não é necessário que só leia ou só escreva, é um processo, e um depende do outro, a aprendizagem não acontece de forma isolada.

Quanto ao questionamento de que a **leitura é fonte de obrigação**, pudemos observar que 1,2% dos alunos, confirmando e justificando: o participante 25 diz:” porque todos nós temos que ler para despertar a mente, ler faz bem, pois assim não faremos coisas erradas. A leitura ajuda as pessoas que tem alguma dificuldade de ler, de expressar”. “A importância da leitura informativa é explicada pela extraordinária importância da informação tanto na vida pessoal quanto comunitária”. (BAMBERGER, 2002, p. 41); o participante 28 diz que” a leitura é o melhor caminho da vida”. A leitura é a competência mais importante que se pode trabalhar no aluno; e o participante 31

explica que: “se a pessoa ver como obrigação, ela levará mais a sério a leitura em sua vida”.

Podemos observar que a leitura obrigada ou não, é indispensável quando se trata de aprendizagem.



GRÁFICO 1 - Leitura como fonte de Informação ou Obrigação?

E para melhores esclarecimentos, procuramos saber **o que você mais gosta de ler?** E conseguimos catalogar as seguintes informações quanto a percentagem das respostas: 6% dos participantes optaram por ler Histórias em Quadrinho; 3,2% leem Jornal; 3,2% gostam de ler Histórias Infantis; 1,6% leem Revistas; 4,8% gostam de ler Romance; 2,4% leem Contos; 4,4% leem Poesias; 2% gostam de ler a Bíblia; 0,4% ler revista Globo Esporte. Observe o gráfico abaixo:

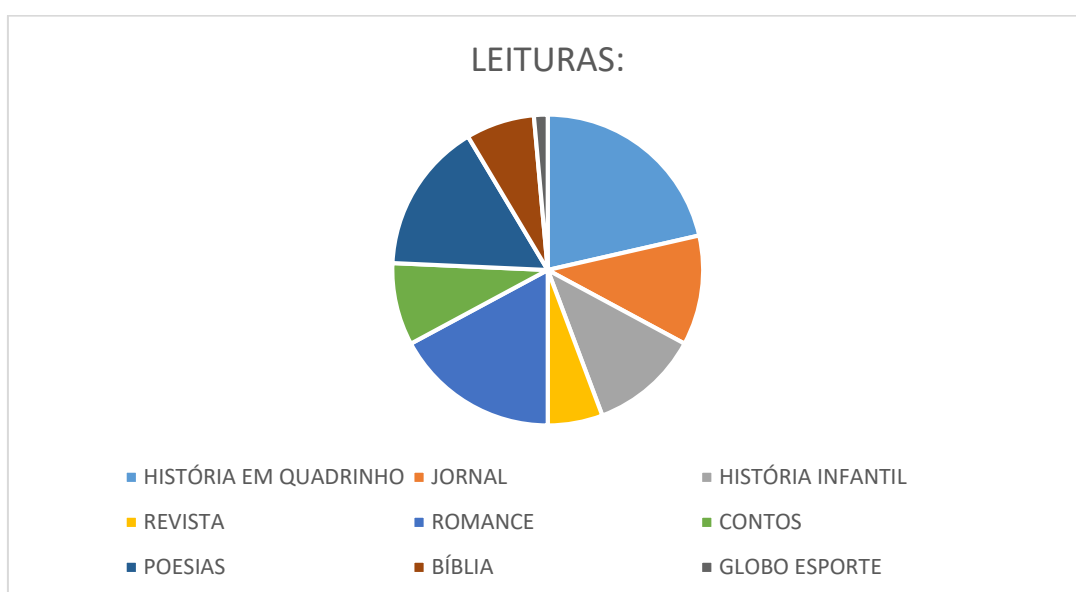


GRÁFICO 2 - O que você mais gosta de ler?

No segundo questionamento feito à turma, podemos perceber que eles leem diversos tipos de textos, alguns com mais frequência outros só quando se interessam pela leitura, sem nenhum compromisso a mais. Segundo STAIGER (1973, p. 2), falta-lhe o incentivo ao pleno uso das potencialidades do indivíduo em sua leitura, de modo a influir ao máximo no seu bem-estar e levá-lo à auto realização.

Muitos desses alunos usam a leitura como modo peculiar de interação entre os homens e as gerações, colocando-se no centro dos espaços discursivos escolares, independentemente da disciplina ou área de conteúdo aplicada. Alguns desses alunos mergulham sem medo de se perderem nas profundezas do conhecimento. Enquanto outros, sabem da importância, mas nem se preocupam, criam um descaso tamanho frente aos conhecimentos, à vida social.

É importante destacar que o professor deve ser o condutor e o articulador de fazer com que o aluno comece a desenvolver uma leitura crítica de tudo que vê e lê, atribuindo-lhe um novo conceito, partindo das diversas leituras feitas, retratando-as à vida cotidiana.

Para que isso aconteça, o que não se dá de um dia para o outro, mas num processo que torne aluno leitor e não ledor, pois, o primeiro está cercado de prazer e estímulo; o segundo é forçado, não é feito com amor e sim com obrigação, o professor tem que criar métodos que estimule a praticar essa atividade. Isso vem acontecendo há muito tempo, a grande maioria dos problemas que os alunos enfrentam ao longo de anos de estudo, chegando até a um curso superior.

Isso é decorrente de problemas como: a falta de incentivo dos pais e professores, ficando uma lacuna ao longo de sua vida, pois tudo o que se ensina torna experiência e aprendizagem, e se não acontece teremos os resultados negativos e frustrados no ser humano.

Não se pode esquecer que toda diferença reflete numa desigualdade, e no terceiro questionamento veio a pergunta: **Quando você começou a ter o hábito de leitura?** Eis as respostas apresentadas: o participante 1 respondeu que foi “quando um professor me deu um livro de presente”. Uma forma singela de conquistar o aluno ofertando um presente, que não passou a ser um simples presente e sim um grande tesouro para o conhecimento; os participantes 2 e 4 disseram que foi “no 2º ano do Ensino Fundamental”; o participante 3 respondeu que foi “quando senti a necessidade de conhecer palavras”.

Nesse contexto, surge a necessidade da busca de significados; o participante 5 disse que foi “quando eu comecei a ler a Bíblia”. Uma leitura que nos fortalece e nos enche de espiritualidade; o participante 6 respondeu que foi “quando a professora despertou em mim lendo o livro de Augusto Cury”. A boa leitura é capaz de resgatar hábitos na leitura; os participantes 6 e 7 responderam que foi “quando eu percebi que lendo, aprendo muito mais”. Pois, todo bom leitor é bom aprendiz; o participante 8 confirmou que foi “aos seus 15 anos”; o participante 9 disse que foi “quando eu precisei ler informações do meu interesse”.

Tendo a necessidade de chegar a algum lugar, de abrir horizonte; o aluno 10 disse que foi “depois que li para o meu filho dormir”. Esse laço de afetividade também é importante para o aprendizado; os alunos 11 e 20 disseram que foi “a partir da 4ª série do Ensino Fundamental”; os alunos 12 e 13 disseram que foi “a partir dos 10 anos de idade”; o aluno 14 disse que foi “vendo a minha mãe lendo a Bíblia”.

O bom exemplo, a experiência é fundamental no aprendizado; o aluno 15 disse que foi “pelo incentivo do professor Lidevan”. Como esse professor tem hoje uma importância na vida do aluno; o aluno 16 respondeu que foi “querendo me informar sobre doenças e curas”. Aqui a leitura tem o enfoque de fonte de informação para atender os conhecimentos do senso comum; os participantes 17, 18, 19, 21 e 22 disseram que foi “com 5 anos de idade”; o participante 23 disse que foi “para poder ler para as pessoas mais velhas”.

Essa vontade de ajudar o outro também facilita a busca de conhecimento; os alunos 24 e 25 disseram que foi “na 1ª série do Ensino Fundamental”; o participante 26 respondeu que foi “recentemente, pela necessidade de aprender, já estava adulto”. Importante que não tem tempo para uma boa aprendizagem; os participantes 27, 28, 29, 30, 31 responderam que foi “aos 7 anos de idade”; os participantes 32, 33, 34 disseram que foi “aos 4 anos de idade”; o participante 35 disse que foi “na 3ª série do Ensino Fundamental”; 36, 37, 38, 39 e 40 responderam que foi “aos 8 anos de idade”. Veja no gráfico abaixo:

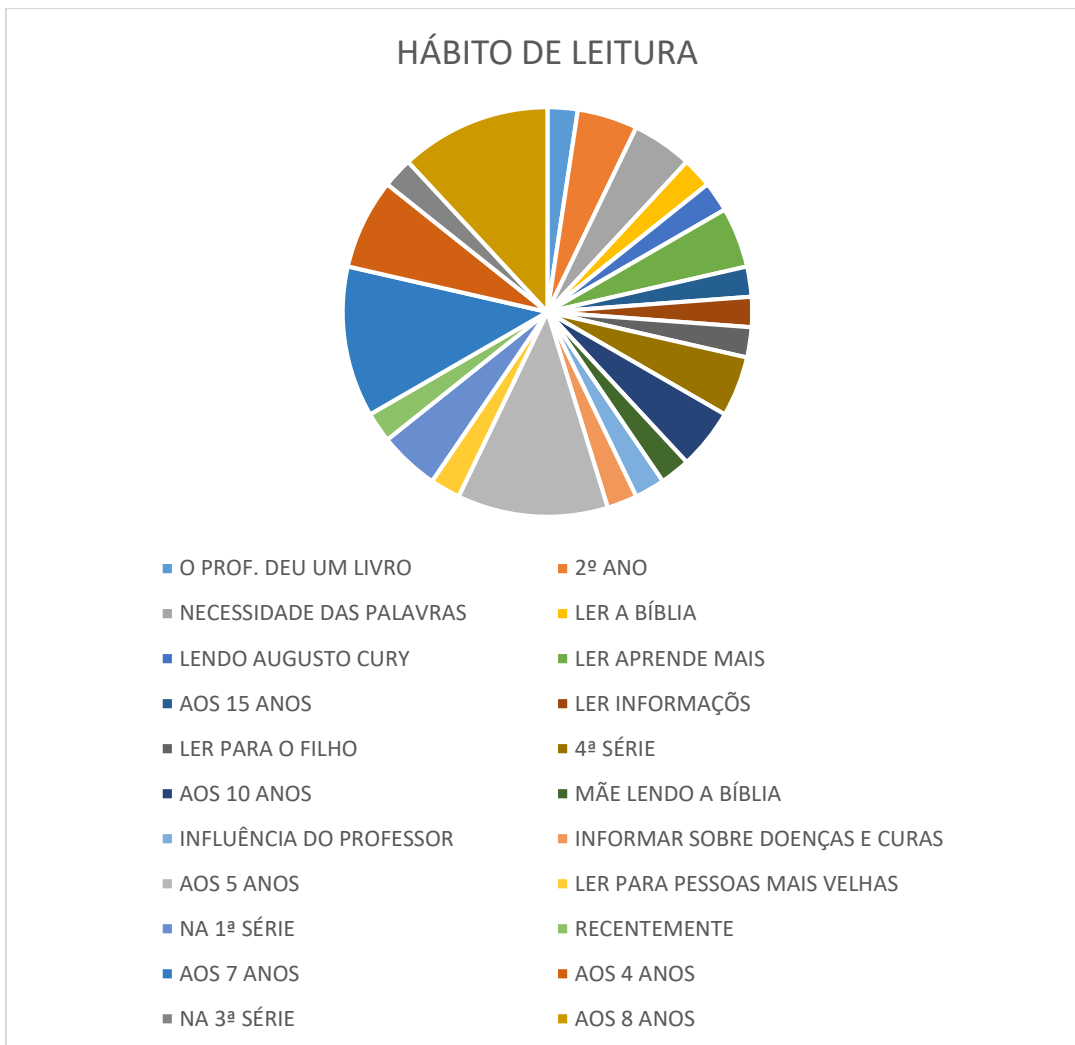


GRÁFICO 3 - Quando você começou a ter o hábito de leitura?

A falta de acompanhamento à leitura nas séries iniciais leva o aluno a carregar para o resto de suas vidas essa deficiência. É preciso que o professor com a participação dos pais, incentivem de forma prazerosa, sem muitas cobranças, mas que seja um trabalho constante de partilha e reflexão do que foi lido e/ou ouvido na sala de aula ou em casa, decodificando assim o seu código.

Para ser prazerosa, a leitura tem que ser trabalhada como um brinquedo como enfatiza Vygotsky (1989) em seu texto sobre o brinquedo onde diz que a imaginação nos adolescentes e crianças nas séries iniciais é “o brinquedo sem ação”, relacionada ao adágio “o brincar da criança é imaginação sem ação”. Daí, podemos analisar que a imaginação para fluir, precisa ser alimentada ou construída senão fica sem ação, sem sentido. A leitura também passa por esse processo, se não alimentada pelo prazer, pela vontade de praticar, ela não acontece. Assim sendo, salientamos que

para provocar mudanças, é preciso oportunizar e satisfazer seus desejos imaginários, com um bom texto.

As pessoas que desenvolvem o hábito da leitura desde cedo, não tem dificuldade nenhuma em ler e produzir textos, já os que não leem são vazias como o dito popular: “a leitura é o alimento da alma”, são subnutridas de conhecimentos. Essas pessoas não são felizes, pois não conseguem adentrar num mundo fictício da imaginação, até mesmo para descontraír. Uma boa leitura alimenta a alma, revigora o intelecto. Pensando nessa mudança de sentimento é que perguntamos: **Como você se sente lendo?**

Vejamos o que os alunos responderam: 6,4% dos participantes disseram que sentem-se felizes quando leem; 3,2% disseram que sentem-se descontraídos; e 10,4% confirmaram que lendo aumentam os seus conhecimentos, visto que alguns optaram por responder duas alternativas. Veja o gráfico a seguir:

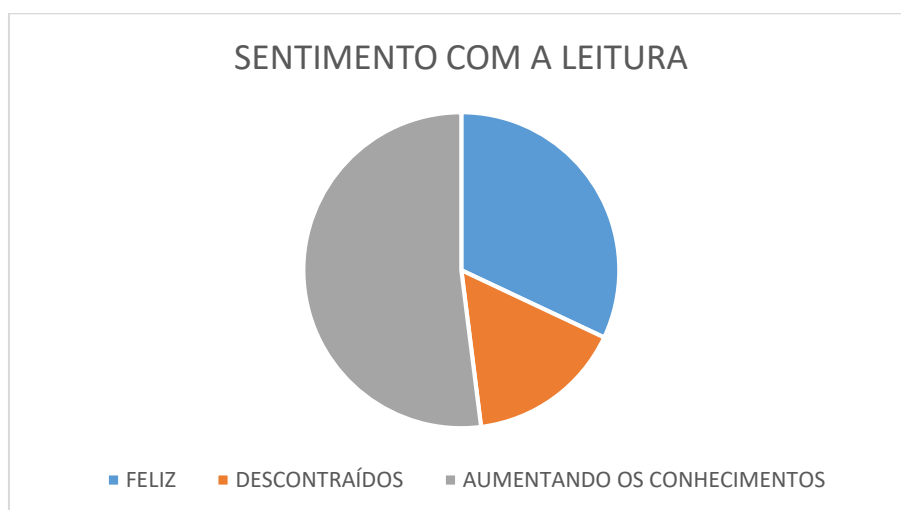


GRÁFICO 4 - Como você se sente lendo?

Outro aspecto relevante é a participação da família na formação do leitor. A criança que vive em constante contato com pais que leem, participam, dialogam, trocam conhecimentos (o que hoje está sendo muito raro), desenvolve o hábito por essa prática, absorvendo as experiências, porque convive com esta situação. Já um outra, que tem problemas familiares, desencontros com os pais, pais analfabetos, desestimulados pela vida que levam, é difícil incutir na criança essa prática de leitura, isso torna um “bicho papão” no seu cotidiano.

A leitura aciona uma cadeia humana em direção à imaginação. (...) Lendo me ligo a todos aqueles que vieram antes de mim e projetaram o tempo em que vivo, no que ele tem de resistência à dor, à violência e a injustiça. Isso porque, se o dia-a-dia ensina a viver o que tenho pela frente, o livro literário desenha para mim outras realidades, possíveis de acontecer e, portanto, verdadeiros. (AGUIAR, 2007, apud BALDI, 2009, p. 8).

Essa oportunidade pode significar a possibilidade de um desenvolvimento intelectual em novas bases que ampliem o repertório oferecido pela família ou pela escola.

Pensando neste questionamento é que perguntamos: **Como seus pais lhes orientam quanto à leitura? Como?** Vimos que trinta participantes responderam SIM, da seguinte forma: 2,4% dos participantes responderam “que os pais sempre chamam a sua atenção para a leitura”. Como é importante o interagir, o incentivo dos pais, assim o filho se sentira importante e ouvirá os conselhos; 0,4% dos participantes diz que:” é para eu não seguir o mesmo exemplo deles que são analfabetos”. Quantos pais se sentem menosprezados por não terem tido a oportunidade de ter estudado; 5,6% dos participantes disseram que: “os pais incentivam a leitura”.

A orientação e o estímulo favorecem um enriquecimento intelectual grandioso no indivíduo; 0,8% dos participantes respondem que:” os pais indicam livros para ler”. Vemos uma preocupação com o crescimento educacional dos filhos; 2,4% dos participantes comentam que:” meus pais contam leituras infantis e contos para mim”. A orientação dos pais é de sua importância para o crescimento intelectual do filho; 1,2% dos participantes diz que: “mandando ler, mas eu não gosto muito, tenho dificuldade”. “É preciso repensar esses procedimentos em relação a escrita e a leitura na escola dando um lugar de prestígio desde o início do processo de alfabetização” (CAGLIARI, 2003, p. 169).

Quanto aos que responderam NÃO, temos as seguintes opções: 0,4% diz que: “fui criado pelos meus avós que são analfabetos”. A responsabilidade dos pais é negada deixando sob a responsabilidade dos avós que muitas vezes não tiveram a oportunidade de aprender, portanto não gostam ou não sabem cobrar; 1,2% respondem que:” eu que iniciei pelo incentivo dos professores e necessidade”. A vontade de aprender leva alguns a conquistarem sozinhos; 1,2% dizem que:” meus pais não tem tempo”. A falta de acompanhamento dificulta o processo de leitura, do interesse pela mesma; e 0,4% não respondeu. Para confirmar o que foi pesquisado vejamos o gráfico a seguir:



GRÁFICO 5 - Seus pais lhes orientam quanto a leitura? Como?

Outro questionamento foi apresentado para que pudéssemos analisar: **Qual era a reação do seu professor primário, quando você fazia uma leitura?** Nesse questionamento, 8,4% dos participantes responderam que os professores elogiavam, mas não incentivavam quanto a outras leituras; 9,2% dos participantes comentaram que os professores incentivavam a lerem outros livros e indicavam outros títulos, parabenizando-os; 1,2% dos participantes disseram que os professores nem ligavam quando eles liam, simplesmente cumpriam os conteúdos, leitura por leitura; e 0,4% dos participantes não respondeu. Observe o gráfico abaixo:

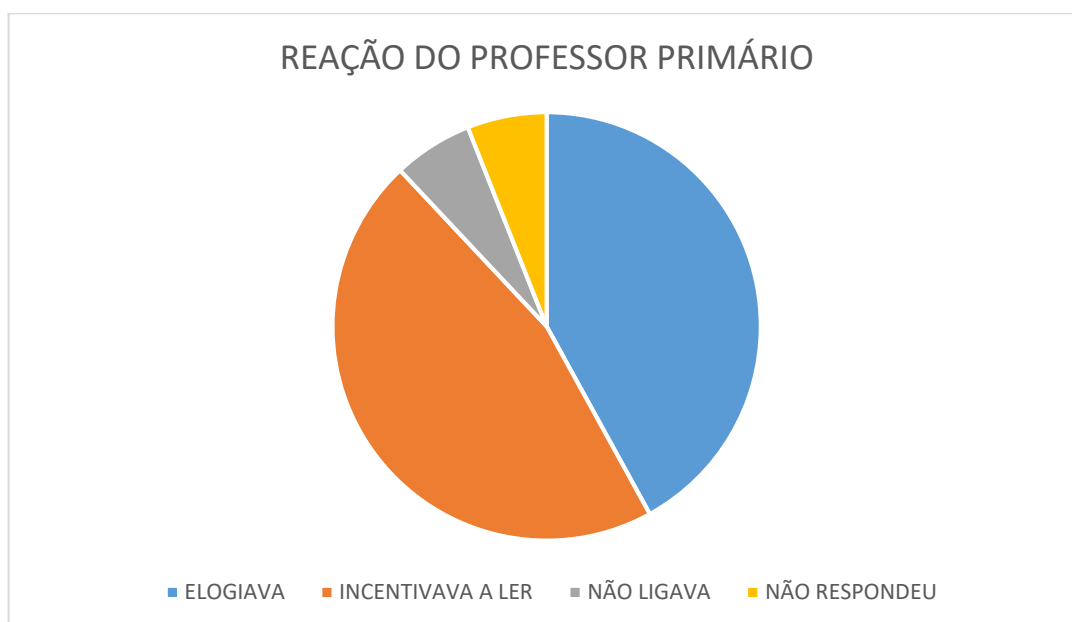


GRÁFICO 6 - Qual era a reação do seu professor primário, quando você fazia uma leitura?

Do exposto apresentado, podemos concluir que a grande maioria tem acompanhamento, incentivo na escola e em casa e mesmo assim, percebemos o desencanto pela leitura. Os próprios alunos comentam que tem preguiça de parar e ler, isso porque estão em fase de inquietação, tudo tira atenção, principalmente a brincadeira de mau gosto, onde apresenta aptidão para a violência e se não houver um incentivo, um despertar para novos horizontes, esse aluno poderá desviar por caminhos sem volta, outro ponto que tem tirado a atenção é o celular, ouvindo música, jogos e WhatsApp, as tecnologias tem suplantado a eficácia do livro, muitos alunos, principalmente os mais velhos com essa nova descoberta, perdeu o encantamento pelo livro, preferem usar as teclas e deslizar o dedo pela tela do aparelho, é mais emocionante para eles. Para alguns o livro tornou-se obsoleto.

Mas ainda é imprescindível o velho e bom livro, pois, das mais altas tecnologias, ele ainda funciona sem precisar gastar créditos, energia, estar conectado em alguma rede, pois quem lê enriquece o seu cognitivo, habilitando-o a pensar e repensar a vida, suas ações revertendo o quadro lastimável, defasado de leitores da nossa sociedade.

Outra das grandes preocupações dos alunos é a crítica feita pelos colegas quando um aluno gagueja fazendo uma leitura, ou mesmo a reação do professor para com este. Como afirma Bellenger (1978), “um leitor apaixonado de um país de leitores apaixonados”, onde a leitura se baseia no desejo e no prazer, e se isso não acontece

nas salas de aula, certamente para o aluno essa leitura não terá sentido, pois é bastante difícil para o seu entendimento.

Com relação à leitura, perguntamos ainda nesse sentido perguntamos **Qual era a sua reação quando gaguejava fazendo uma leitura?** Analisaremos as respostas dos alunos quanto a sua reação: 9,2% dos participantes ficavam com vergonha; 2,4% dos participantes disseram que eram tímidos; 1,6% dos participantes responderam que paravam a leitura; 1,2% disseram que não tinham condições de continuar com a leitura; 0,4% confirmava que brigava com os colegas pois ficavam criticando-o; 1,6% responderam que paravam, respiravam e continuavam a leitura; 0,8% afirmaram que não tinha nenhum problema quanto gaguejar; 0,4 % não respondeu; 0,4% diz que acha engraçado e volta a ler; e 0,4% afirma que chorava. Para entender melhor, observaremos o gráfico a seguir:

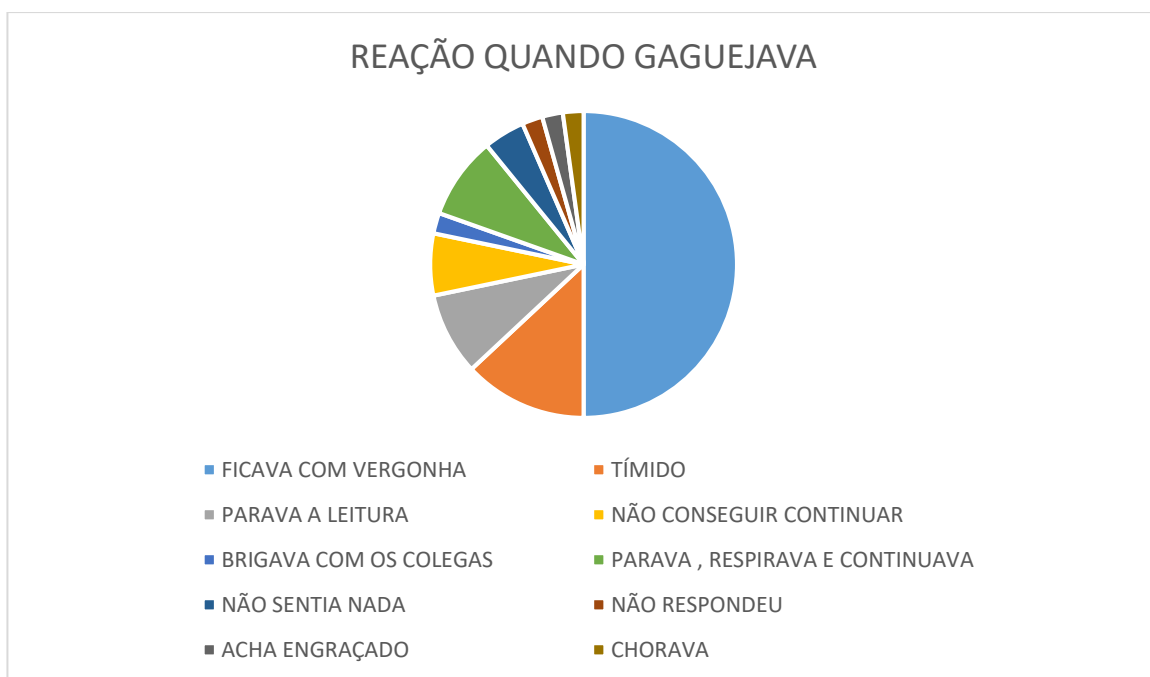


GRÁFICO 7- Qual era a sua reação quando gaguejava fazendo uma leitura?

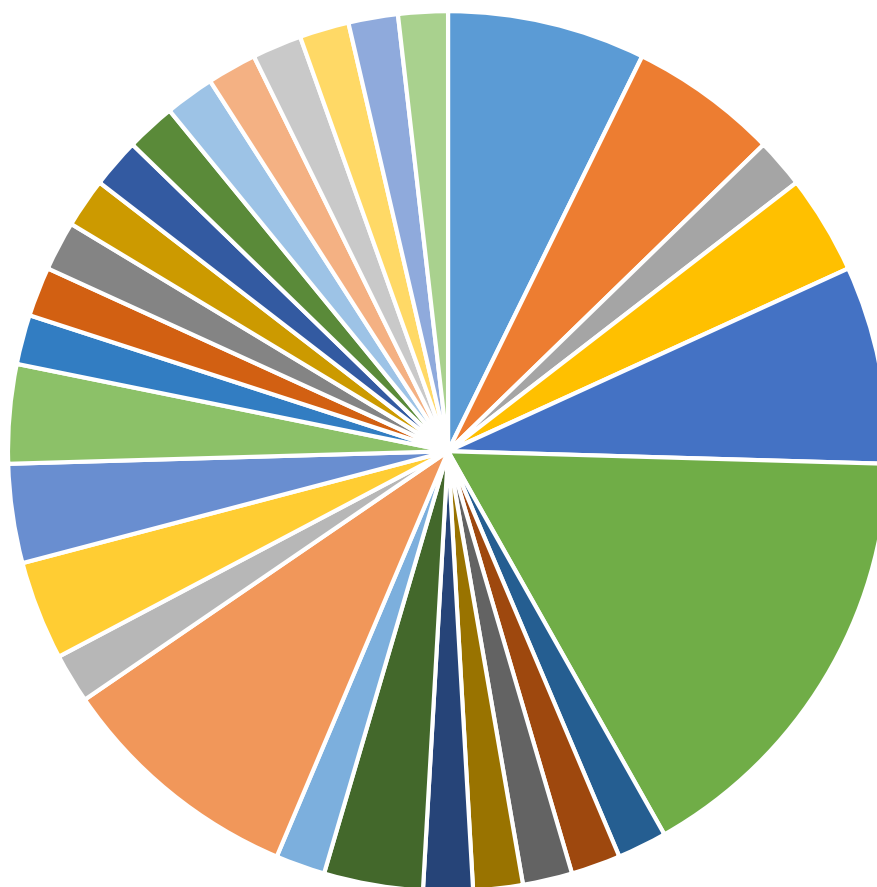
E para finalizarmos as questões, perguntamos: **Lembra de um livro que lhe chamou a atenção, de uma leitura prazerosa? Qual (is)?** A maioria nem lembrava mais o nome dos livros, nem que tinham lido; outros recordavam muito pouco, mas responderam à medida que foram lembrando. Um bom livro não se esquece nunca, por mais adormecido que esteja na nossa mente, ele “acordará” na lembrança.

O prazer da leitura é o pressuposto de tudo o mais. Quem ama ler tem nas mãos as chaves do mundo... Literatura, como o corpo da pessoa amada, não é objeto de conhecimentos científicos; é objeto de prazer. (ALVES, 2004a, p. 49)

Vejamos as respostas apresentadas pelos alunos sobre a 8ª questão: 1,6% dos participantes responderam que não esquecem de Cinderela e Branca de Neve; 1,2% responderam História em Quadrinho que fala da vida; 0,4% respondeu As crônicas de Nárnia; 0,8% afirmaram ter lido Casa de terror; 1,6% disseram que leram Peter Pan; 3,6% responderam que leram a Bíblia - Salmos; 0,4% respondeu que leu A História da Matemática; 0,4% disse que leu Livro de Daniel Pai; 0,4% respondeu que leu O Pecador; 0,4% disse que leu O Sentimento Fatal; 0,4% confirma ter lido A História de Jesus Cristo; 0,8 respondeu que não lembra o nome do livro, mas lembra da história; 0,4% confirma que leu Gabriela, Cravo e Canela; 2% respondeu que leram Capitães de Areia; 0,4% afirmou ter lido Harry Potter; 0,8% responderam que leram O menino de Pijama Listrado; 0,8% confirmou que leu Romeu e Julieta; 0,8% responderam que leram Cinquenta tons de cinza; 0,4% respondeu que leu Percy Jackson; 0,4% respondeu que leu Mar de Monstros; 0,4% confirmou que leu Iracema; 0,4% disse que leu A Troca de Obediência; 0,4% respondeu que leu O Turista; 0,4% afirmou que leu A Droga da Obediência; 0,4% respondeu que leu Fé e Paixão; 0,4% disse que leu O Mestre da Sensibilidade; 0,4% respondeu que leu Casamento Blindado; 4% disse que leu Desejo Proibido; 0,4% respondeu que leu A raposa e o Tucano; 0,4% confirmou ter lido Fumar ou não fumar? E 0,4% não respondeu.

Observe o gráfico das informações relatadas abaixo:

LIVRO QUE CHAMOU ATENÇÃO



- | | |
|------------------------------|-------------------------------|
| ■ CINDERELA E BRANCA DE NEVE | ■ HISTÓRIA EM QUADRINHO |
| ■ AS CRÔNICAS DE NÁRNIA | ■ CASA DE TERROR |
| ■ PETER PAN | ■ BÍBLIA |
| ■ A HISTÓRIA DA MATEMÁTICA | ■ DANIEL PAI |
| ■ O PECADOR | ■ O SENTIMENTO FATAL |
| ■ HISTÓRIAS DE JESUS CRISTO | ■ NÃO LEMBRA |
| ■ GABRIELA, CRAVO E CANELA | ■ CAPITÃES DE AREIA |
| ■ HARRY POTTER | ■ O MENINO DE PIJAMA LISTRADO |
| ■ ROMEU E JULIETA | ■ CINQUENTA TONS DE CINZA |
| ■ PERCY JACKSON | ■ MAR DE MONSTROS |
| ■ IRACEMA | ■ A TROCA DE OBEDIÊNCIA |
| ■ O TURISTA | ■ A DROGA DA OBEDIÊNCIA |
| ■ FÉ E PAIXÃO | ■ O MESTRE DA SENSIBILIDADE |
| ■ CASAMENTO BLINDADO | ■ DESEJO PROIBIDO |
| ■ A RAPOSA E O TUCANO | ■ FUMAR OU NÃO FUMAR? |
| ■ NÃO RESPONDEU | |

GRÁFICO 8 – Um livro que lhe chamou mais atenção

4 MINHAS CONSIDERAÇÕES

“Eu sou a minha imaginação e o meu lápis. [...] O ser letral gosta de fazer imagens para confundir as palavras.” (Manoel de Barros)⁸.

Ao longo desta pesquisa, procurei ser o meu “lápis” na busca de palavras sábias através da minha imaginação, ora criando palavras, ora criando imagens para facilitar esta árdua tarefa de compor.

Por tudo o que foi apresentado e discutido na trajetória dessa dissertação em relação à temática, **Leitura: uma viagem encantada no mundo multidisciplinar da educação**, pode ser observado que há um empecilho na realização da leitura fluentemente, algo impede que os nossos alunos criem esse hábito “livre” de leitura.

É importante ressaltar que o bom leitor não é aquele que proclama uma leitura compassada, com a boa dicção, sem erros, e sim, aquele que além de dispor dessas qualificações, está apto a fazer qualquer tipo de leitura tanto escrita, quanto visual, de signos e símbolos, vindo a compreender nas entrelinhas o que o escritor expressa em palavras. Isso é que é ser um bom leitor: ter a capacidade de compreender além das aparências, enxergando a essência do contexto.

A maioria dos participantes, confirmaram que a leitura é uma fonte de informação, eles leem para se tornarem informados, aumentar seus conhecimentos através de uma boa leitura, quer nos jornais, revistas, textos literários ou na bíblia.

A leitura foi fundamental para o nosso crescimento intelectual, pois a partir do momento que nos dispomos a ler, os horizontes se abrem para um novo aprendizado. As experiências vividas no decorrer da minha vida profissional, foi fundamental para o que estou vivendo agora: leitura, escrita e compreensão dos textos para a produção de novos textos. Isso só foi possível porque um processo formativo foi instaurado: tanto para a pesquisadora, quanto para os alunos, pois ninguém sai ileso de uma caminhada como esta, o aprendizado é notório.

Há um adágio popular que diz que a cultura do povo se perde, isso porque o povo não registrava, não fazia valer os valores, as paixões, e os eventos criados pelos seus antepassados. A leitura que se fazia era da época, momentânea. Diz-se isso

⁸ Manoel de Barros, um dos mais aclamados poetas contemporâneos brasileiros. Nascido em Cuiabá em 1916, Manoel de Barros estreou em 1937 com o livro “Poemas Concebidos sem Pecado”. Sua obra mais conhecida é o “Livro sobre Nada”, publicado em 1996.

porque, já pensou se os grandes poetas e escritores não deixassem marcas registradas, não poderíamos degustar as maravilhosas obras, os acontecimentos do passado.

A leitura para se fazer valer não deve ficar na junção das consoantes com vogais, deve ir mais além, deve sensibilizar, torna-se atraente aos olhos de quem as faz. Esta, enquanto modo peculiar de interação entre homens e gerações, coloca-se no âmago discursivo das escolas, independentemente da disciplina ou conteúdo apresentado.

Segundo Matencio (1994, p. 20), “o indivíduo letrado é aquele que apresenta um desenvolvimento da linguagem e do pensamento após o acesso às formas especializadas do texto escrito”. Isso pautada na visão de Olson (1981). Para aprendermos não existe somente o letramento partindo da escola, mas, acontece em diversas formas dentro de cada sociedade, pois a mesma utiliza sua cultura através da fala, leitura e escrita para dinamizar o conhecimento.

Em relação ao letramento, os PCNs e alguns autores vão colaborar nesse aprimoramento quando incentivam a modificarmos a nossa metodologia, o nosso comportamento em relação à leitura e a escrita em sala de aula, lembrando que no decurso de nossa vida precisaremos nos aperfeiçoar, para tornarmos verdadeiros e bons leitores.

O educador é o responsável pelo amadurecimento ou não do aluno, em relação ao conhecimento através das leituras propostas e de todo encaminhamento elaborado pelo mesmo e do incentivo através das suas atitudes e paixões repassadas ao aluno.

É bom ressaltar que se o aluno for muito incentivado, ele responderá com alegria e prazer aos estímulos apresentados pelo professor. Disso depende o destino que este irá traçar para que sua viagem seja magnífica e satisfatória no decurso de sua carreira.

Como confirma Bellenger (1998), “a leitura se baseia no desejo”, se o aluno não desperta esse sentimento, nada pode acontecer, tudo se fecha, não acontece aprendizado se o outro não quiser, não se interessar. O desejo propicia o prazer.

O apoio da família e dos professores é fundamental para que a criança se desenvolva e desperte a habilidade leitora desde os anos iniciais. Crescer com o hábito da leitura favorece o seu desenvolvimento intelectual.

Lajolo (2001), vem reforçar a necessidade da interação leitor/escritor:

É na posição do leitor que se encontram as credenciais mais fortes para quem quer discutir o perfil do indivíduo que, livro aberto nas mãos, no silêncio de sua leitura, pergunta ao escritor que não pode esquivar-se da resposta: Trouxeste a chave? Com ou sem a chave, leitor e escritor são faces da mesma moeda, não obstante as quedas-de-braço em que às vezes se confrontam. (LAJOLO, 2001, p. 33).

Dessa perspectiva, analisamos que o leitor para dialogar com escritor é preciso ter a chave certa para adentrar pelos fascínios da história em que lhe são apresentados. Com isso, o leitor deve estar apto a desenvolver as habilidades propostas pela leitura e pela interpretação.

Como nos incentiva Alves (2004a, p. 30), “O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.” Essa tarefa cabe ao professor e aos pais encorajar para ver o seu filho e aluno decolar nos mais rasantes voos da cultura letrada. Ler é uma tarefa “enfadonha” para alguns e precisa ser “catequisado” para que surta efeito e seja aprimorada por todos.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que para se alcançar o índice desejado da qualidade escolar, faz-se necessário o aprimoramento de bons leitores e bons escritores, porque a educação só alcançará excelentes resultados se houver essa interação entre os dois, visto que todo bom leitor é um bom escritor, e vice-versa. Daí surge o desenvolvimento gramatical, pois, quem lê e escreve bem, sobressai na qualidade gramatical também.

Vale ressaltar que o professor precisa dosar a sua prática com relação as funções e estratégias do ensino da língua, portanto, para acontecer a aprendizagem com facilidade é preciso o apaixonar-se, inteirar-se por todo o conteúdo, despertando em cada um o gosto, o desejo em aprender.

Diante da pesquisa concluída, pode-se observar que a minoria dos participantes acha que a leitura é uma obrigação, porém, tem a consciência de que mesmo sendo obrigação, se faz necessário para a aprendizagem, outros ainda responderam que é importante prevendo o futuro. Contudo, não se deve esquecer de que a leitura é um elo que liga o mundo social ao mundo intelectual, através das informações obtidas por esse magnífico processo.

Percebi ao longo da pesquisa, que alguns fatores que dificultam o bom desempenho da maioria dos alunos com a leitura foi o fato de sentir-se envergonhados ao ler, dificultando a espontaneidade no momento da leitura; o acesso ao letramento que iniciou tardio e a falta de incentivo quanto a leitura em suas famílias.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa, não ocorreu nenhuma dificuldade, houve participação dos pais, alunos e direção, facilitando o desenrolar deste trabalho. Percebemos que esses alunos não foram bem incentivados a ponto de despertar a paixão desses quanto à leitura, mesmo com poucos estímulos, ainda não foram suficientes para atingir o ápice da paixão, a vontade independente e particular por uma boa leitura.

Portanto, diante dessa pesquisa sugerimos que se faz necessário uma interação maior entre professores e pais, conscientizando cada vez mais o despertar por este ato importante que influencia diretamente o aprendizado auxiliando o aluno na autoconfiança para poder desempenhar atividades que o transforme em sujeito que pensa, diz, lê e escreve.

Assim, resgatando também o prazer por essa atividade, que hoje em dia tem proporcionado discussões em toda comunidade educacional. E é por conta dessa inquietação que foi criada e sancionada em outubro de 2003, a Lei do Livro, abrindo as portas para as instituições educacionais obterem o livro gratuito nas entidades, propiciando assim um melhor desempenho nas atividades em sala de aula.

Graças a José Sarney, a Lei 10753, no art. 1º, assegura ao cidadão o direito de acesso e uso do livro. Isso porque esse material é muito caro, e a maioria das escolas não disponibilizaria recursos para obtê-los. Porém, não adianta só a escola dispor desse material, é necessário que os professores inclua-os em sua prática pedagógica, auxiliando o aluno a ler, lendo também, assim estarão exemplificando através de suas ações, proporcionando atividades prazerosas que agradam a todos, favorecendo daí um novo olhar para a leitura.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Por uma educação romântica*. Campinas, S. P: Editora Papirus. 2004^a.
- ANDRÉ, A. *Iniciação da Leitura – Reflexões para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora. 1996.
- BAKHTIN, M. (1895-1975). *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BALDI, E. *Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura*. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BELLENGER, L. *Os métodos de Leitura*, Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978. Trad. De Dora Flaksman.
- BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. (org.). 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRANDÃO, A. C. P; ROSA, E. C.de S. (Org.). *Ler e escrever na Educação Infantil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*, 10^a ed. SÃO Paulo: Scipione, 2003.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 43^a ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, M. T. A. *Descobrendo Novas Formas de Leitura e Escrita*. In: ROJO, R. (org) *A Prática de Linguagem em Sala de Aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC, Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Linguagem*. 2^a ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- KLEIMAN, A. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*. 15^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.
- LAJOLO, M. *Do mundo da Leitura para a leitura do mundo*, 6^a ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LUCHESI, C. C. (et. al.) *Universidade: uma proposta metodológica*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCHESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAGNANI, M. do R. M. *Leitura, Literatura e Escola sobre a formação do gosto*, 2ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

MATENCIO, M. de L. M. *Leitura e produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras – Editora Autores Associados, 1994.

MINAYO, M. C. de S. DESLANDES, S. F. NETO, O. C. G. R. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 21. ed. Petrópolis, R.J.:Vozes, 1994.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*, São Paulo: Cortez, 1993.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

SAEB 2001 – *Novas perspectivas*. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. SAEB- 2001: novas perspectivas. Brasília: INEP, 2002.

SIM-SIM, I. *O Ensino da Leitura: A Decifração*. Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa: Ministério da Educação. 2009.

SOARES, Magda Becker. *O que é letramento*. Disponível em: <<http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>>. Acesso em: 01 de jul. 2015.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura* / Isabel Solé; trad. Cláudia Schilling – 6. ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

WEISZ, T. SANCHEZ, A. *Diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. Palavra de Professor. 2. Ed. São Pulo: Ática, 2006.

ZANDWAIS, A. (org.). *Mikhail Bakhtin, Contribuições para a Filosofia de Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005.

ZILBERMAN, R. e SILVA, E. T. da. *Leitura perspectivas interdisciplinares*, 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

APÊNDICE A

TERMOS DE ESCLARECIMENTO E CONSENTIMENTO

Universidad Leonardo da Vinci

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Para realização do projeto de pesquisa “LEITURA: Uma viagem encantada no mundo multidisciplinar da educação”, necessito de informações como foi o seu processo de leitura. Para tanto gostaria que me concedesse uma entrevista respondendo um questionário que será anexada ao trabalho, e os resultados farão parte de minha tese de mestrado.

Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro. Seu nome não aparecerá em nenhum momento do estudo ou em qualquer publicação decorrente da pesquisa, pois você será identificado com um nome fictício. Se quiser, poderá obter outras informações que desejar a respeito da pesquisa.

Meiry Aparecida Bitencourt Peixoto Gomes

Pesquisadora responsável

APENDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, R.G.
_____, li o termo de esclarecimento acima e compreendi
para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. Assim sendo,
concordo em participar do estudo.

Jitaúna, _____ de _____ de 2015

Assinatura do voluntário da pesquisa

Outros: _____

3º Quando você começou a ter o hábito de leitura?

4º Como você se sente lendo?

() Feliz () Obrigado () Descontraído () Aumentando seus conhecimentos

5º Seus pais lhe orientaram quanto à leitura? Como?

6º Qual era a reação do seu professor primário, quando você fazia uma leitura?

() Elogiava () Incentivava a ler mais () Nem ligava

7º Qual era a sua reação quando gaguejava fazendo uma leitura?

() Ficava com vergonha () Tímido () Parava a leitura

() Não conseguia continuar a leitura () Brigava com os colegas

() Outros: _____

8º Lembra de um livro que lhe chamou atenção, de uma leitura prazerosa? Qual (is)?
